

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

FILOZOFICKÁ FAKULTA

Katedra romanistiky

Portugalská sekce

**ORIGEM E EVOLUÇÃO DO MITO
SEBASTIANISTA**

BAKALÁŘSKÁ PRÁCE

BARBORA TRČKOVÁ

Vedoucí práce:

PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

OLOMOUC 2012

Prohlášení

Prohlašuji, že jsem bakalářskou práci vypracovala samostatně pod odborným dohledem vedoucí bakalářské práce a za použití uvedených pramenů.

V Olomouci, 12 . května 2012

.....

Podpis

Poděkování

Děkuji PhDr. Zuzaně Burianové, Ph.D. za odborné vedení a za cenné připomínky a rady, které mi poskytla při psaní bakalářské práce. Zároveň bych chtěla poděkovat Mgr. Petře Svobodové, Ph.D. za přínosné rady a podněty k historické části bakalářské práce.

Barbora Trčková

Índice

Introdução	6
1 Dom Sebastião	7
1.1 O retrato de D. Sebastião	7
1.2 A infância de D. Sebastião.....	8
1.3 Maquinações de matrimónio.....	9
2 D. Sebastião no trono.....	10
2.1 Política interna	10
2.2 Política externa	11
2.2.1 Publicação de <i>Os Lusíadas</i>	12
2.3 Antes do Alcácer-Quibir.....	12
2.4 Batalha	14
3 Morte misteriosa de D. Sebastião	16
3.1 Testemunhas	16
3.2 Identificação incerta do cadáver pretenso.....	16
3.3 Longo caminho do cadáver para a pátria	17
4 Os Filipes e o sebastianismo.....	18
4.1 Volta do corpo para Portugal no cortejo solene.....	18
4.2 Túmulo.....	19
5 Evolução do mito sebastianista.....	19
5.1 As origens do mito	19
5.1.1 <i>As Trovas</i> do Bandarra, o Sapateiro de Trancoso	20
5.1.2 D. João de Castro e a publicação das <i>Trovas</i>	21
5.1.3 Estrutura das <i>Trovas</i> de Bandarra.....	22
5.1.4 Quinto Império.....	23
6 Os seguidores de Bandarra	24
6.1 Manuel de Bocarro Francês	25
7 Situação no tempo da Restauração	25
7.1 Mito restaurador.....	26
7.2 Padre António Vieira	27
7.2.1 Vieira Restaurador	28
7.2.2 O Quinto Império de Vieira	29
7.3 Incorporação da Ilha Encoberta no mito.....	30

8	Desenvolvimento do Mito Sebastianista no século 18	31
8.1	Sebastianismo no tempo pombalino	31
8.2	Época de Napoleão	32
9	A crítica do sebastianismo no século 19.....	33
9.1	Almeida Garrett e Frei Luís de Sousa.....	33
9.2	Garrett e o sebastianismo	34
9.2.1	Característica das personagens	34
10	Fernando Pessoa e o mito do sebastianismo no século 20.....	37
10.1	Mensagem.....	38
10.1.1	Divisão temática da Mensagem	39
10.2	Sebastianismo e Quinto Império Pessoaano.....	47
	Conclusão.....	50
	Resumo em checo	53
	Summary.....	54
	Anotação	55
	Bibliografia	56
	Lista das imagens.....	58
	Lista das mapas	58

Introdução

O objectivo deste trabalho é descrever um fenómeno português muito interessante, o mito de sebastianismo. O trabalho vai ser dividido em duas partes principais: na primeira parte vamos apresentar a figura histórica de D. Sebastião e na segunda vamos tentar caracterizar e descrever a evolução deste mito, em contexto dos acontecimentos históricos que naturalmente tiveram grande influência nele.

O mito apareceu no século 16 com a personagem de D. Sebastião, cujo nascimento foi desejado por todo o povo português. Assim foi este rei acompanhado por um certo mistério e promessa dos seus feitos grandes porque os portugueses puseram grandes esperanças nele. Com este tema vamos ocupar-nos na primeira parte, descrevendo a sua vida desde pequeno até à batalha de Alcácer-Quibir que pôs cobro às esperanças colocadas no D. Sebastião.

Neste ponto a parte histórica dedicada ao próprio rei vai acabar, passando para a parte que descreverá a evolução do mito de sebastianismo. Como a morte do jovem rei foi tão brusca e abrupta, o povo não conseguiu deixar de crer no heroísmo de D. Sebastião. Assim, estas esperanças transformaram-se num mito da volta deste rei, para o que contrubuíram as *Trovas* de Bandarra, escritas até antes do nascimento de D. Sebastião, falando sobre o seu nascimento e da sua morte explicando-os no sentido da sua ressurreição. Depois vamos tratar da descrição da evolução do mito no tempo da Restauração portuguesa, mostrando a obra e os pensamentos do Padre António Vieira que se também ocupou muito com este fenómeno.

A seguir vamos passar para a situação histórica nas eras de Marquês de Pombal e de Napoleão, até ao período quando o escritor Almeida Garrett escreve o drama *Frei Luís de Sousa* que novamente aborda o mito de sebastianismo.

O trabalho vai ser concluído com a análise da obra *Mensagem* de Fernando Pessoa, onde o mito já se transformou numa verdadeira utopia.

1 Dom Sebastião

Vejamus primeiro o contexto político e cultural em que D. Sebastião nasceu. O seu nascimento era já previsto e esperado com muita ansiedade por causa da falta dos sucessores de D. João III, que já eram todos mortos. O povo foi exaltado também pelas profecias de um sapateiro de Trancoso, que visionou o nascimento do “Desejado” - marcação que foi desde aí dada ao D. Sebastião. Ele nasceu no dia 20 de Janeiro de 1554 e era neto e sucessor do rei D. João III. O seu pai morreu antes do seu nascimento e a mãe D. Joana (que era irmã do rei espanhol, Filipe II) partiu quatro meses depois do seu nascimento de Lisboa para Espanha e deixou o seu filho sozinho com a sua avó, D. Catarina (viúva do rei D. João III e irmã de Carlos V espanhol). Esta tornou-se depois de falecimento do D. João III regente, porque no ano da morte de D. João III, em 1557, D. Sebastião tinha só três anos de idade e não pôde reinar. A D. Catarina reinou até 1562 e depois se seguiu a regência do cardeal D. Henrique. O próprio D. Sebastião subiu ao trono com 14 anos, no ano de 1568.



Imagem 1: D. Sebastião¹

1.1 O retrato de D. Sebastião

Vários autores de livros históricos descrevem o aspecto físico deste rei, baseando-se nos testemunhos dos seus contemporâneos.

Segundo A. B. da Fonseca, o historiador Frei Bernardo da Cruz, que o conheceu pessoalmente, descreveu-o assim:

“Era El-Rei homem de boa estatura em corpo, não em demasia: de fortes membros, enxuto, bem disposto, sem defeito algum ou vicio corporal: era alvo das carnes; os cabellos da cabeça e os que lhe

¹ Imagem disponível em World Wide Web: (http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rei_D._Sebasti%C3%A3o.jpg), consultado em 28. 4. 2012

começavam a pungir da barba, louros: Tinha o beijo de baixo algum tanto derrubado, cuja composição lhe dava muita graça e formosura: no andar a pé e a cavallo, tinha tanta graça, ar e majestade, que bem representava a dignidade real que nele residia.”²

Outro seu contemporâneo, Jerónimo de Mendoça, que também participou na batalha de Alcácer Quibir, como nos dá a saber Fonseca, diz sobre ele o seguinte:

“Era um príncipe em que nunca se conheceu nem quase se suspeitou vício algum, tanto que por sua pureza, não lhe podendo dizer outra coisa, se lhe arguia ser algum tanto afeiçoado à montaria, cujo exercício além de ser muito proveitoso a qualquer príncipe para se exercitar nas coisas da guerra, nunca lhe tirou as horas de despacho e de governo.”³

Nestes exemplos podemos imaginar D. Sebastião ser um homem saudável e forte, sem quaisquer vícios. E era louro. Como se vê nos retratos dele, ele parece um anjo e com certeza naquela altura era considerado um homem belo. É possível que o seu belo e saudável aspecto físico tenha contribuído para as esperanças do povo quanto ao auge do país jogados sobre os seus ombros.

1.2 A infância de D. Sebastião

D. Sebastião cresceu então sem mãe, educado e acompanhado só pelos seus aios, como o jesuíta Luís Gonçalves da Câmara, que o educou nos princípios do cristianismo, e D. Aleixo de Menezes, que era guerreiro em Marrocos e tinha grande influência no pequeno rei com as suas histórias da guerra. Cresceu assim num ambiente bélico. E não devemos esquecer que desde o seu nascimento nele eram postas as esperanças do rei prodigioso. Até a sua avó era, segundo Fonseca, muito severa com ele.⁴ Como conclui este historiador, a razão da educação militar e do ambiente bélico podia ser a tentativa de evitar o mau exemplo de reinado de D. João III., que abandonou muitos domínios coloniais, sofrendo por exemplo perdas em Marrocos de Santa Cruz (Agadir), Safim e Azamor em 1541, e de Arzila e Alcácer Ceguer em 1550.⁵

² António Belard da Fonseca, *Dom Sebastião: Antes e depois de Alcácer-Quibir* (Lisboa: [s.n.], 1978), p. 32.

³ Idem, p.33.

⁴ segundo citação da obra do historiador D. Manuel de Mezenes, Idem, p. 30.

⁵ António Belard da Fonseca, op. cit., p. 30.

É de conhecimento geral que D. Sebastião sofreu de uma misteriosa doença na idade de onze anos. Como nos informa Fonseca, os médicos chamaram-na “fluxum seminis” involuntário, ou com outras palavras “perdas seminais”. Simplesmente dito, o rei sofreu frequentes ejaculações nocturnas. Até surgiram dúvidas se o rei era capaz de procriar sucessores. Mas não houve provas da sua impotência.⁶ Porém simultaneamente não houve prova da sua potência, porque o rei morreu sem sucessores.

No entanto não foi só D. Aleixo de Menezes que influenciou D. Sebastião desde pequeno. Como o rei cresceu sem pais, além do aio teve também mestres que o deveriam educar. Os mestres escolhidos para o jovem rei eram Padre Luís Conçalves da Câmara e Padre Amador Rabelo, ambos da Companhia de Jesus. Os dois naturalmente influenciaram a visão do mundo e de si próprio de D. Sebastião. Tal como D. Aleixo de Menezes o influenciou no campo militar e bélico, os jesuítas influenciaram-no no campo espiritual e religioso.

Assim sendo, estas influências não podiam deixar D. Sebastião sem tacha. Sendo formado num ambiente bélico, extremamente, até fanaticamente religioso e severo, sem carinho dos pais, parece ser uma vida desequilibrada. Não há de estranhar que ele se tenha tornado um fanático religioso e obsesso por guerras e armas.

Fonseca evidentemente simpatiza com D. Sebastião e considera-o uma vítima do tempo e dos seus antepassados:

“A sua infelicidade foi tamanha que, pode afirmar-se, se achou sempre sozinho e desamparado desde menino, sem o amor ou o auxílio dos pais, simples juguete nas mãos da avó espanhola e do tio Cardeal, que nunca viram nele um ser humano mas o objecto das suas ideias ou ambições políticas e dos seus conselheiros.”⁷

Neste trecho é evidente a defesa do D. Sebastião por Fonseca. Segundo ele, D. Sebastião era só um homem infeliz que foi manipulado pelos seus parentes, sem amor e sem outra possibilidade como agir.

1.3 Maquinações de matrimónio

As pessoas à sua volta quiseram arranjar-lhe então uma mulher para o sanar. Mas as suas tentativas infelizmente falharam e o novo rei ficou solteiro, o que depois causou

⁶ Idem, p. 44-49.

⁷ Idem, p. 72.

a dominância espanhola. Porém há provas que até o próprio D. Sebastião tentou negociar uma noiva, mesmo com o rei da Castela. Filipe II, no entanto, fez várias escusas e demoras, como se não quisesse aceitar. Fonseca também elabora um capítulo sobre os amores de D. Sebastião e segundo ele houve uma paixão ou até amor entre D. Sebastião e a filha do Duque de Aveiro, D. Juliana. Ele cita dos *Anais de D. João III* de Frei Luís de Sousa, onde é descrita a relação destes dois. Vamos apresentar aqui só uma parte desta citação, porque é vasta demais. Neste exemplo vê-se a diferença que há entre a posição de Fonseca e a de outros autores, segundo os quais D. Sebastião não gostava de mulheres, mas sim de Deus e de armas, e até que “sentia o horror pelas mulheres”, como nos diz Lucette Valensi no seu livro *Fábulas da Memória*:⁸

“O Duque de Aveiro, D. Jorge de Lencastre, teve uma filha unica chamada D. Juliana, a quem creou no Paço a Rainha D. Catharina, fendo Regente defte Reino. Era dama formofa, bem feita e muito efperta; ao menos, quando não tiveffe eftas qualidades, agradou-fe della El-Rei D. Sebastião, fendo mancebo, e veio a declarar-fe mais depois do anno de 1568 em que tomou governo. Similhantes inclinações, que não podem fer ocultas muito tempo, principalmente entre peffoas taes, chegarão à noticia da Rainha e do Duque de Aveiro, porem com diferentes sentimentos, porque a Rainha receiava a confequencia d’eftes amores...”⁹

Neste trecho observamos uma outra possibilidade interessante de D. Sebastião estar apaixonado, que pôde ser uma causa das suas demoras quanto ao casamento. Contudo, mesmo pouco antes da batalha de Alcácer Quibir D. Sebastião tentou negociar mais uma vez com Filipe II sobre o casamento com uma das suas filhas. Mas o rei castelhano sempre inventou algumas desculpas para afastar esse assunto.

2 D. Sebastião no trono

2.1 Política interna

No ano de 1568, chegou o novo rei ao poder como o verdadeiro governador, na idade de 14 anos, depois do tempo da regência de Cardeal D. Henrique. Ele entrou na

⁸ Lucette Valensi, *Fábulas da memória: A gloriosa batalha dos três reis* (Porto: Edições ASA, 1996), p. 20.

⁹ António Belard da Fonseca, op. cit., p.70, 71.

cena política numa situação muito grave, tanto dentro do país, como nas colónias. No ano 1568 foi proibido vender pão aos estrangeiros por causa da falta dos alimentos básicos; entre os anos 1569 e 1570 a população de Lisboa era decimada por causa da peste. Nem a lei contra o luxo de 1559 resolveu a situação.

Depois da subida ao trono, D. Sebastião lançou mais leis para tentar eliminar a pobreza e a situação catastrófica do país, tanto no campo da organização do país, como no campo social e humanitário. Como exemplo podemos mencionar as leis sobre a actualização do valor da moeda, a aplicação do serviço militar obrigatório, a reforma da Ordem do Cristo por causa do receio de ataque dos mouros e de Turcos ao Algarve, a reforma da Universidade de Coimbra ou as leis humanitárias e sociais, por exemplo que todos homens devem ser tratados como livres. Ele continuou também na publicação das leis contra o luxo e modo da vida. A miséria do povo, no entanto, não desapareceu e as leis acabaram por não resolver nada.

Mesmo assim, este caso mostra o interesse do rei pelas perguntas sociais e estatais. Segundo Frei Bernardo da Cruz, D. Sebastião era muito zeloso e sempre tentou manter justiça, retribuir os bons e castigar os maus,¹⁰ de maneira que “o seu governo foi pautado por um grande sentido de justiça,”¹¹ como mostram as suas leis.

2.2 Política externa

Quanto à situação nas colónias, os ingleses e franceses atacaram os domínios portugueses e as carreiras da Índia e da Guiné custaram muito, tanto dinheiro e navios, como vidas. Muitas províncias foram perdidas, sobretudo em Marrocos.

E como ultimamente tinha crescido o poder dos mouros, que atacaram muitas praças (ou seja colónias) africanas que estavam nas mãos dos portugueses, eram mobilizadas as forças portuguesas que receberam a possibilidade do ataque à costa algarvia. Depois dos ataques às praças africanas, restaram aos portugueses só Ceuta, Tânger e Mazagão em Marrocos. Estas colónias foram atacadas já em 1562, no período do reinado da regência, e assim foi a D. Catarina, quem convocou cortes em 1563 para resolver esta situação. A solução tomada foi construir fortalezas na costa algarvia, não abandonar as praças africanas e prontificar-se para guerra, em que todos os duques

¹⁰ Idem, p. 78.

¹¹ G. Figueiredo Lopes, *História Elementar de Portugal* (Porto: Porto Editora, 1993), p. 86.

deviam compartilhar.¹² O início das preparativas para a guerra ficam aqui, cinco anos antes do início do reinado de D. Sebastião.

Segundo Jan Klíma, D. Sebastião desejou a fama cavaleiresca e a cruzada contra os mauros desde os seus 18 anos de idade.¹³ Logo, é provável que D. Sebastião não só quisesse defender as praças portuguesas em Marrocos, mas sim também conquistar toda a África moura, limpá-la dos mouros e impor cristianismo na África toda, qual facto foi até suportado pelo próprio Papa Gregório XIII que lhe atribuiu a ajuda monetária.

É preciso ter em consciência que D. Sebastião cresceu no ambiente bélico e severamente fanático e religioso, ao lado dos seus mestres jesuítas que o levaram ao fanatismo religioso e contra-muçulmano. Sumando a isso o facto de que as circunstâncias se desenvolveram para a guerra já antes do seu reinado oficial, logo não é de admirar que ele se tornou num “fanático religioso e militar” e decidiu empreender a campanha contra os mouros marroquinaos.

2.2.1 Publicação de *Os Lusíadas*

Nexte contexto da possibilidade da campanha convém mencionar a publicação da obra de Luís Vaz de Camões *Os Lusíadas* que contribuiu ao sentimento geral e aumentou o sentimento da grandeza dos portugueses e das colónias. Esta obra foi escrita à volta do ano de 1556 (isto é dois anos após do nascimento do novo rei) e publicada em 1572, depois da volta de Camões da Índia e Macau. O autor dedicou a obra explicitamente ao novo rei e D. Sebastião premiou-o com uma pensão anual de 15 mil réis. Porém, além da celebração dos feitos portugueses, nesta obra Camões implicitamente critica a política expansiva e adverte sobre este tipo da ideologia, ávida de conquista. Assim houve pelo menos um voto contra a campanha para o Marrocos.

2.3 Antes do Alcácer-Quibir

D. Sebastião fez já no ano de 1574 uma viagem para o Marrocos, para ver a situação. Na maioria das histórias, como por exemplo na *Breve História de Portugal* de José Hermano Saraiva¹⁴, lemos que todos os seus conselheiros tentavam despersuadi-lo da guerra, mas, como sabemos, simultaneamente houve pessoas, como por exemplo os

¹² António Belard da Fonseca, op. cit., p. 88.

¹³ Jan Klíma, *Dějiny Portugalska* (Praha: Nakladatelství Lidové Noviny, 2007), p. 156 – 157.

¹⁴ José Hermano Saraiva, *Breve história de Portugal* (Génève: Bertrand Editora, 1989), p. 76.

religiosos e o Papa que o apoiavam. Assim explica a sua partida António Quadros, quando diz que D. Sebastião foi “impulsionado pelas elites da época (Camões, Andrade de Caminha, Diogo de Teive, Diogo Bernardes, António Ferreira, além da maior parte da aristocracia e do clero).”¹⁵ Isto é, segundo a opinião pública hoje em dia, D. Sebastião decidiu próprio sobre a guerra, apesar das opiniões dos seus conselheiros. Mas é bem possível que não fosse assim, que ele fosse impulsionado por outros. Como mais um motivo importante da guerra mencionemos o motivo económico. É a falta do trigo em Portugal e o facto de os portugueses terem desde o século 15 importado os cereais marroquinos que o forçou para a guerra porque, como sabemos, Portugal encontrava-se naquela época na crise social e económica.¹⁶ Estas razões, as suas conclusões da sua visita das praças e o motivo económico pareciam bastante graves para resolver a situação com a campanha para o Marrocos. Como ele tinha a ajuda do Papa, bastou-lhe só um pretexto para invadir Marrocos.

Este pretexto chegou de repente sob a forma do conflito dentro da dinastia moura, entre Mulei Mohâmede Almotauaquil (Muhammad al-Mutawakkil al-Mashih, sultão marroquino) e o seu tio Abd al-Málik (Mulei Abde Almélisque ou Mulei Moluc). Almotauaquil, príncipe da dinastia Sádida, assumiu o trono em 1574, depois da morte do seu pai. Mas na tradição o sucessor deveria ser o irmão mais velho do imperador, que foi Abde Almélisque que durante o reinado do seu irmão tinha fugido em Argel, por ser expulso. Depois da morte dele voltou a Marrocos e com a ajuda dos Turcos expulsou o príncipe. Foi aclamado rei em 1576. A seguir, Almotauaquil foi-se para Portugal e pediu ajuda a D. Sebastião, que o aceitou como pretexto para a invasão.

Uma vez que estava decidido, D. Sebastião começou a juntar exército. Para o reforçar, pediu ajuda a Filipe II., com quem negociou durante a entrevista em Guadalupe em 1576. Tanto Filipe II, como seu experiente general Duque de Alba reconheceram o perigo vindo da África. Filipe II prometeu ao D. Sebastião um auxílio militar de 5 mil soldados espanhóis e 50 navios com mais soldados estrangeiros, em conjunto de 15000 homens. Segundo Fonseca, uma das condições desta ajuda de Filipe II era a realização da guerra em Agosto, qual facto com certeza contribuiu para a derrota dos portugueses.

¹⁵ António Quadros, *Fernando Pessoa: Vida, Personalidade e Génio* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992), p. 299.

¹⁶ António Belard da Fonseca, op. cit., p. 101 – 107.

Neste momento, quando D. Sebastião teve os motivos e o pretexto para a campanha, e com a ajuda prometida, ele pôde tomar o caminho para África.

2.4 Batalha

No dia 24 de Junho de 1578 saíram a marinha que contou, mais ou menos, com 20 mil

homens, incluindo a maioria da nobreza e dos soldados capazes de lutar, de Lisboa em direcção para Arzila em Marrocos. O facto significativo é que o Filipe II acabou por não enviar a ajuda prometida, enviou só 2 000 homens. Originalmente, D. Sebastião pretendia abordar para o Larache por mar, mas as forças portuguesas acabaram por marchar de Arzila para o Larache por terra continuando para o interior de Marrocos.

Segundo Fonseca foi a falta dos prometidos 50 navios que causou a marcha pelo interior até Al-Qsar al-Kabír, em português Alcácer-Quibir.¹⁸ No dia 3 de Agosto de 1578 chegaram então as forças exaustas até à cidade de Alcácer-Quibir, onde já estava à espera o exército muçulmano. Os muçulmanos entendiam muito bem que a força dos portugueses é a luta no mar ou junto à costa, por isso eles não avançaram mais e esperavam para os portugueses tomarem iniciativa. Frente a frente estava o exército português e o muro de aproximadamente 50 mil homens bem descansados. No dia depois decorreu o conselho, em que foi concordada a volta ao Tânger, mas Diogo de Carvalho, Muley Mohâmed (o príncipe mouro destronado) e D. Francisco de Aldana, que foi enviado pelo Filipe II, forçaram o rei para a batalha.¹⁹



Mapa 1: Viagem dos portugueses para o Alcácer-Quibir¹⁷

¹⁷ Imagem disponível em World Wide Web: (<http://www.areamilitar.net/HistBCR.aspx?N=71%20>), consultado em 28. 04. 2012

¹⁸ António Belard da Fonseca, op. cit., p. 115.

¹⁹ Idem, op. cit., p. 116.



Imagem 2: Batalha de Alcácer-Quibir²⁰

O combate aconteceu então na segunda-feira dia 4 de Agosto de 1578 às 11 horas junto ao rio Mocazim e acabou com a derrota absoluta dos portugueses. A batalha ganhou nome de “Batalha dos três reis”, porque três reis morreram. Concretamente morreu o Abde Álmelique quem estava doente já antes da batalha e nem participou nela, depois morreu o príncipe

Muley Mohâmed e morreu ou pelo menos desapareceu da vista de todos o rei português. Para Portugal foi uma catástrofe. Uma metade da nobreza e do exército foi morta e a outra metade acabou como cativos, para depois se tornarem escravos dispersados por todo o império muçulmano. Os motivos da derrota dos portugueses não foi só o calor e as condições do tempo no fim do Agosto africano, mas também a diferença entre as armas que eles usaram. Os portugueses tiveram armas medievais, enquanto os marroquinos armas modernas, destinadas ao combate de terra. Como todas as lutas que os portugueses tiveram até então eram lutas navais nas colónias, não estavam acostumados a este tipo de luta. Os únicos portugueses que estavam bem preparados foram os cavaleiros de Tânger e Ceuta, porque tiveram experiências das lutas com os mouros.

Quanto ao papel do D. Sebastião, que costuma ser culpado pela derrota, deve-se apontar que à derrota levaram muitos factores, tanto as condições do tempo e o exército cansado e exausto, quanto a ineficácia das armas usadas pelos portugueses. Assim sendo, a derrota não se pode atribuir só à culpa de D. Sebastião, ainda por cima quando, como já vimos, ele foi manipulado para a guerra por outros. Simultaneamente não é possível livrá-lo da responsabilidade, porque na verdade foi a sua decisão.

²⁰ Imagem disponível em World Wide Web: (http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lagos46_kopie.jpg), consultado em 28. 4. 2012

3 Morte misteriosa de D. Sebastião

3.1 Testemunhas

Há muitos factores que contribuíram ao facto de a morte de D. Sebastião ser posta em dúvidas. Como as testemunhas dizem, ninguém o viu morrer, mas sim há três testemunhas presenciais que o viram partir da batalha: São Luís de Brito, Jorge de Albuquerque e Sebastião Figueira, os combatentes e soldados que estiveram na batalha e viram como os últimos o rei D. Sebastião. Luís de Brito viu o El-Rey saindo da batalha, na direcção diferente do lugar onde eles depois acharam o cadáver pretense dele, sem ninguém o seguir. O mesmo diz Jorge de Albuquerque. E Sebastião Figueira diz-nos que acompanhou o Rei ao sair da batalha, mas depois o rei desapareceu.²¹

Um outro acontecimento duvidoso ocorreu mesmo na noite depois da batalha, quando três fugitivos apareceram em Arzila, dizendo que um deles era o próprio El-Rey D. Sebastião. No entanto, é possível que isto tenha sido só uma comédia, para os fugitivos serem deixados entrar, porque a praça fora cerrada por causa do receio dos muçulmanos, como já foi sabido o resultado da batalha.²²

3.2 Identificação incerta do cadáver pretense

Segundo as testemunhas, no dia depois da batalha foi achado o corpo do D. Sebastião, numa montão dos corpos nus, pelo moço de câmara de D. Sebastião que depois foi trazido para ser identificado por todos. O corpo estava nu e tinha muitas feridas no pescoço e uma grande no rosto, que complicou a identificação, mesmo como a falta das roupas e das insígnias reais. Não devemos esquecer o sol e calor que também apressaram a decomposição do corpo. Apesar disso, todos reconhecem neste corpo o corpo de D. Sebastião.²³

Porém há também outras interpretações, por exemplo de Luís de Oxeda, que também estava presente na batalha assim como na identificação do cadáver, e que na sua *História* descreve os acontecimentos um pouco diferentemente. Segundo ele, a identificação do corpo tivesse lugar dois dias depois da batalha, não no dia seguinte, como nos dizem as outras testemunhas. Acrescenta que a identificação se também deu à

²¹ Idem, p. 136 – 140.

²² Idem, p. 131 – 133.

²³ Idem, p. 146 – 149.

noite, então com uma luz fraca. Outro facto representado diferentemente é que o moço de câmara não achou o corpo, mas disse que era do rei para conseguir a liberdade para si.²⁴

Depois, no dia 7 de Agosto, o corpo foi transportado para Alcácer-Quibir para ser sepultado. Ainda pouco antes da sepultura os muçulmanos pediram mais dois portugueses para indentificarem o corpo, para terem certeza, mas por causa da demora, calor, sol e feridas, ninguém estava capaz de indentificá-lo.

Seja como for, já naquele tempo surgiram dúvidas sobre a sua morte, mesmo em Portugal, aonde a nova chegou no dia 12 de Agosto e ninguém conseguiu acreditar que o rei Desejado podia estar morto sem cumprir as expectativas. É neste ponto que o mito do Desejado se converte no mito de sebastianismo, na crença de que o rei desaparecido voltará um dia para salvar a sua nação.

3.3 Longo caminho do cadáver para a pátria

Depois começaram negociações demoradas sobre a volta do cadáver para Portugal. Já poucos dias depois da batalha, Cardeal D. Henrique pediu o corpo do morto soberano, mas ninguém podia saber que as negociações se iam prolongar para um período de quatro anos, até o ano de 1582.

As negociações portuguesas sobre a entrega do corpo falharam por causa dum comerciante genovês André Gaspar Corso que também quis o corpo de D. Sebastião. Este homem misterioso estava no serviço de Filipe II e por isso o cherife muçulmano lhe prometeu a entrega do corpo, porque quis ter boas relações com o rei espanhol.²⁵

Conforme já vimos, o corpo foi sepultado poucos dias depois da batalha em Alcácer-Quibir. Depois da promessa da entrega do corpo ao rei espanhol, em Dezembro 1578, o corpo foi desenterrado e tinha de ser transportado para a Castela. Porém por causa do choque, da contraposição e da suspeição dos portugueses e do Cardeal D. Henrique que despertou este propósito, foi concordada a sepultura em Ceuta na Igreja dos Trinitários, como um compromisso.

²⁴ Lucette Valensi, op. cit., p. 44.

²⁵ António Belard da Fonseca, op. cit., p. 161.

4 Os Filipes e o sebastianismo

Depois da chegada do Filipe I (Filipe I Português e Filipe II Espanhol) ao trono português²⁶ ele tentou demonstrar o facto de D. Sebastião, o rei Desejado ser morto e nunca mais poder voltar para salvar a nação, porque a lenda da sua volta já se espalhou por todo o país e juntou-se a um certo sentimento nacionalista e contra-castelhano. Filipe I pretendeu combater estes palpites do movimento nacional com o cortejo ostentoso em que os ossos do rei Desejado foram levados até ao Belém. Assim ele quis suportar o seu direito ao trono português e sua legitimidade.

4.1 Volta do corpo para Portugal no cortejo solene

O transporte do cadáver decorreu só quatro anos depois da morte de D. Sebastião, em Novembro de 1582. Depois da ordem, os restos mortais do pretendido D. Sebastião partiram de Ceuta para Algrave, onde desembarcaram em Faro, de onde partiu um grandíssimo cortejo solene em direcção para Évora, onde fez uma paragem para celebrar algumas missas. Daqui continuaram para Belém, onde os ossos deveriam ser sepultados no Mosteiro dos Jerónimos. A razão desta peregrinação exigente e cansativa era bem clara: mostrar a todo o país que o soberano estava morto e suportar assim o direito de Filipe I ao trono português. O cortejo chegou para Belém no dia 20 de Dezembro de 1582 e os restos do pretendido D. Sebastião foram sepultados numa sepultura térrea.

É óbvio que Filipe I. Português quisesse explicitamente demonstrar o facto indesmentível de D. Sebastião estar morto para diminuir as esperanças da renovação da independência portuguesa. O mesmo objectivo teve a proibição das *Trovas* do

²⁶ Depois da morte do rei português, a situação da sucessão foi muito complicada por falta dum descendente. Depois da chegada da nova sobre o desastre da batalha, Cardeal D. Henrique foi eleito rei. Porém como ele tinha já 64 anos, morreu dois anos mais tarde, em 1580. Ainda antes da sua morte convocou cortes em Lisboa, mas nada foi resolvido. Os sucessores com direito ao trono eram todos descendentes do Manuel I: D. Catarina da Bragança (filha de D. Duarte e esposa de D. João de Bragança), António, prevar do Crato; e Filipe II Espanhol. De seguida eram convocados cortes para Almeirim, onde até D. Henrique falou em favor de Filipe II. Mas a oposição em frente com Febo Moniz foi forte e acabou por não ratificar esta eleição. Contudo, durante as cortes morreu D. Henrique e o governo foi retomado por cinco governadores, todos simpatizantes do Filipe II. Em Junho de 1580 foi eleito rei D. António, prevar do Crato. Porém entretanto o exército espanhol marchou para Portugal, com o líder Duque de Alba, guerreiro experiente de Filipe II. No dia 25 de Agosto de 1580 ocorreu a batalha de Alcântara, onde o pequeno exército de D. António foi derrotado. A coroa portuguesa passou para as mãos dos Espanhóis, quando o Filipe II foi aclamado Filipe I de Portugal no dia 14 de Abril de 1581.

Bandarra²⁷ para não se espalharem as ideias nacionalistas e na verdade contra-castelhanas.

4.2 Túmulo

No entanto, nem agora os ossos estavam em paz. Cem anos mais tarde, em 1682, no reinado de D. Pedro II, os ossos foram desenterrados e colocados num túmulo grande com o epitáfio que faz pensar todos os historiadores:

*“CONDITUR HOC TUMULO, SI VERA EST FAMA, SEBASTUS
QUEM TULIT IN LYBICIS MORS PROPERATA PLAGIS
NEC DICAS FALLI REGEM QUI VIVERE CREDIT
PRO LEGE EXTINGUO MORS QUASI VITA FUIT*

*Se é vera a fama, aqui jaz Sebastião,
Vida nas plagas de África ceifada.
Não duvideis de que ele é vivo, não!
A morte deu-lhe vida ilimitada.”*²⁸

Isso mostra a presença da lenda de D. Sebastião mais de cem anos depois do seu falecimento. Sobretudo a frase “si vera est fama” mostra a incerteza da genuidade do corpo enterrado. As linhas seguintes podemos interpretar no sentido cristão da vida ilimitada no céu, como no caso dum santo. A outra hipótese poderia ser também a interpretação no sentido da crença na sua vida, ou seja, que ele vive no coração do povo português.

5 Evolução do mito sebastianista

Agora vamo-nos concentrar no próprio mito sebastianista, mostrando que a crença no rei Desejado, prodigioso e redentor, era enraizada já antes do nascimento de D. Sebastião.

5.1 As origens do mito

Como já vimos o rei D. João III não tinha sucessores e toda a gente rezava para o nascimento dum sucessor varão. E ainda antes da sua morte eram escritas as *Trovas* de Bandarra, que falavam sobre a chegada dum imperador que vai salvar Portugal. Assim,

²⁷ Veja capítulo 5.1.1 As *Trovas* do Bandarra, o Sapateiro de Trancoso

²⁸ Lucette Valensi, op. cit., p. 49-50.

neste ambiente nasceu D. Sebastião que foi provavelmente dominado pela pressão desta lenda acreditando, ele próprio, na sua especialidade.

Porém, convém apontar que o Bandarra não foi o primeiro profeta que chegou com a ideia do Encoberto. Como nos diz o J. Lucio de Azevedo em *Evolução do Sebastianismo*, a ideia do Encoberto tem a sua origem ainda antes do Bandarra. Esta ideia estava já presente no livro de Pedro de Fritas, publicado em 1520 em Valência, e já naquela altura o “Encoberto” assumira o título de um indivíduo misterioso que capitaneava os sublevados em Valência em 1532. Segundo J. Lucio de Azevedo, “a lenda do sebastianismo encontra-se aqui em embrião”.²⁹

5.1.1 As Trovas do Bandarra, o Sapateiro de Trancoso

O autor das trovas, Gonçalo Anes Bandarra, viveu provavelmente na primeira metade do século 16. Nasceu à volta do ano de 1500 e morreu depois de 1556. Não temos a data certa, só o ano da dedicação das *Trovas* a D. João de Portugal, que foi nomeado bispo naquele ano.

Veio da Vila de Trancoso e era sapateiro. A composição das trovas tornou esse sapateiro um verdadeiro profeta português, enquadrando-se assim entre grandes profetas conhecidos como Santo Isidoro ou Nostradamus.³⁰

As suas trovas despertaram um alvoroço enorme por tratar do assunto da renovação da independência portuguesa e da volta do rei Desejado. Nas suas profecias é também bem visível a „simpatia“ com os judeus e com os cristãos novos. Isso ofendeu o Santo Ofício e levou até a um processo inquisitorial. Este processo acabou relativamente bem para o Bandarra – deveu abjurar as suas profetas num auto-da-fé. A maioria das informações que sabemos sobre a sua vida provém deste processo que decorreu entre 1538 - 1541.

José Maria Alves faz no seu estudo *Bandarra – Sapateiro, Poeta e Profeta da Vila de Trancoso: Trovas Proféticas* uma divisão sinóptica das visões fundamentais de Bandarra. Segundo ele, Bandarra como primeiro trata do regresso do Encoberto, depois

²⁹ João Lúcio de Azevedo, *Evolução do sebastianismo* (Lisboa: Editora de A. M. Teixeira, 1918), p. 23 – 24.

³⁰ José Maria Alves, *Bandarra – Sapateiro, Poeta e Profeta da Vila de Trancoso: Trovas Proféticas*. Disponível em World Wide Web: (http://www.homeoesp.org/livros_online/BANDARRA%20-%20TROVAS%20PROF%C3%89TICAS%20DO%20SAPATEIRO%20DE%20TRANCOSO.pdf), consultado em 1. 3. 2012

se ocupa com a Restauração de 1640 e até com a derrota de Napoleão. Outro assunto muito importante é o mito do Quinto Império.³¹

Quanto ao regresso do Encoberto, há duas interpretações comuns. Segundo a primeira, o referido Encoberto é o Dom Sebastião, segundo a outra, Dom João IV da dinastia de Bragança. Dependente da interpretação, os seguidores então defendiam ou a teoria sebastianista ou a joanista.

Este contraste provavelmente surgiu dum erro que foi feito pelo primeiro editor, porque os manuscritos não eram bem legíveis. Assim, na estrofe LXXXVIII das *Trovas* de Bandarra, os sebastianistas leram:

*Saia, saia esse Infante
Bem andante,
O seu nome he Dom Foam,
Tire, e leve o pendão,
E o guião
Poderoso, e tryunfante,*

E os restauradores leram:

*Saia, saia esse Infante
Bem andante,
O seu nome he Dom João,
Tire, e leve o pendão,
E o guião
Poderoso, e tryunfante”³²*

Aqui vemos as diferenças entre as interpretações dos crentes sebastianistas e os restauradores.

5.1.2 D. João de Castro e a publicação das *Trovas*

As *Trovas* circulavam originalmente só na forma de manuscritos, de mão a mão, sendo pela primeira vez impressas no ano de 1603 por D. João de Castro, o primeiro editor que juntou as *Trovas*. Foram publicadas em Paris, sob o título *Paráfrase e Conocordância de algumas Profecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso*.³³ Como se vê no título, o livro não contém todas as profecias, mas só uma parte, que D. João de Castro interpretou no sentido sebastianista.

A cada estrofe ele adiciona um comentário e exclui aquelas para as quais não conseguiu encontrar nenhuma explicação. E ele próprio confessa que escolhe o que lhe convém. Depois, mais tarde em 1607, volta para este assunto e faz uma outra impressão

³¹ Idem, p. 3.

³² João Lúcio de Azevedo, op. cit., p. 64-65.

³³ Idem, p. 18.

do livro, desta vez chamada *Novas flores sobre a Paraphrase*, mas mesmo assim não há nela todas as coplas, como nos diz Azevedo: “É uma lástima, porque isso nos impede de verificar quais as interpolações realizadas posteriormente, quando as profecias se aplicaram a D. João IV.”³⁴

D. João de Castro acreditou que Dom Sebastião não morreu, mas sim que ficou preso pelos espanhóis na Itália na Veneza. No ano de 1600, ele até foi com mais crentes a Veneza para ver o preso, como nos descreve Azevedo: “Quando este saiu do cárcere, o seu aspecto esquelético, o vinco das privações e misérias, surpreendeu os que com ansia extrema aguardavam o momento de contemplarem o redivivo.”³⁵

Na verdade, nem D. João de Castro nem os outros realmente viram D. Sebastião mas todos naquele momento acreditavam que o preso era ele. No final tornou-se evidente que aquele homem não foi D. Sebastião, mas só um ladrão.³⁶ Este exemplo demonstra muito bem a ansia e desejo ardente com que eles desejavam confirmar o facto que D. Sebastião era vivo.

O joanismo depois encontrou muito mais seguidores após a aclamação de Dom João IV Rei de Portugal no ano de 1640. Chamemos esta teoria, de acordo com os Restauradores, de „bandarrismo joanista“.

5.1.3 Estrutura das *Trovas de Bandarra*

A obra começa com a já mencionada dedicatória a D João, bispo de Portugal, composta por 16 quadras rimadas seguidas por mais 16 quadras nas quais o autor critica a decadência do seu tempo e fala sobre os erros e as faltas da Igreja, da nobreza e das mulheres. Como observa J. Lucio de Azevedo no seu livro *A Evolução do Sebastianismo*, a primeira parte podemos compará-la com o primeiro capítulo de Isaías. É na verdade a crítica „dos defeitos e maldades da época (da Igreja até postos eminentes), incúria, ignorância e avidez da magistratura e tribunais, decadência dos caracteres, indisciplina reinante e garridice e demasias das damas.“³⁷.

Depois das quadras introdutórias seguem as próprias profecias, organizadas em 143 trovas. Estas profecias dividem-se em três Sonhos.

³⁴ Idem, p. 59.

³⁵ Idem, p. 56.

³⁶ Idem, p. 56 – 57.

³⁷ Idem, p. 14 – 15.

As primeiras trovas do Sonho Primeiro não são muito claras e há muitas interpretações diferentes delas. A partir da trova 58 o sentido torna-se mais claro, quando o autor fala sobre Portugal, sobre os seus reis, e sobretudo sobre os sucessos do Encoberto. O Sonho Segundo elogia o Encoberto. O último, Sonho Terceiro, descreve os judeus e diz-nos que são eles os colaboradores do Encoberto. E na última parte fala sobre o mencionado Quinto Império.³⁸

5.1.4 Quinto Império

Quinto Império é uma noção da Bíblia³⁹ que é depois elaborada pelo Padre António Vieira e mais tarde também influencia e inspira Fernando Pessoa.

Nesta cena da Bíblia fala-se sobre o sonho do rei da Babilónia, Nabucodonosor. No sonho apareceu-lhe uma estátua com a cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre de bronze, pernas de ferro e pés de barro. Depois cai uma pedra grande e quebra os pés.

O sonho foi interpretado pelo profeta Daniel. A interpretação é que depois do reino de Nabucodonosor, que é de ouro, vêm outros reinos. O seguinte será menor de prata, depois o terceiro de bronze, que dominará toda a terra. O quarto reino será forte como o ferro e o último, o quinto reino, nunca poderá ser destruído e demorará para sempre.

A explicação tradicional desta interpretação é que o primeiro império é o da Babilónia ao qual segue o império Medo-Persa. O terceiro império é o da Grécia, o quarto o da Roma e o último, o quinto, é o Império universal. Segundo a interpretação do Padre António Vieira o primeiro império é o de Assírios, o segundo dos Persas, e terceiro dos Gregos, o quarto dos Romanos e finalmente, o quinto será o Império Português. Fernando Pessoa, que se ocupou também com este mito, interpretou-o um pouco diferentemente. Segundo ele, o primeiro império é o império grego, o segundo é o império romano, o terceiro é o cristianismo, o quarto a Europa e o Quinto Império será o dos portugueses.⁴⁰

³⁸ Ver: José van den Besselaar, „As Trovas do Bandarra.“ *Revista ICALP*, Março de 1986, v. 4, p. 21 - 22. Disponível em World Wide Web: (<http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/bandarra.pdf>), consultado em 27. 2. 2012

³⁹ Daniel, 2:1

⁴⁰ Artigo disponível em World Wide Web: ([http://www.infopedia.pt/\\$quinto-imperio](http://www.infopedia.pt/$quinto-imperio)), consultado em 15. 3. 2012

6 Os seguidores de Bandarra

Como já vimos, D. Sebastião nasceu como o Desejado e era criado „com fumos de imperador de Marrocos“⁴¹. **Diogo de Teive** prediz, no ano de 1558, „que ele há-de estender os domínios da Índia até aos confins do orbe“⁴², o cronista-mor do reino, **Francisco de Andrade** debita-lhe „a glória de destruir o trono otomano“⁴³. E naturalmente encontramos muitas esperanças, mitos elógios e invocação em Os *Lusíadas* de **Luís Vaz de Camões**, que foram escritos só dois anos após do nascimento do Desejado (1556).

Entre os que espalharam o mito do sebastianismo podemos também incluir **Diogo Bernardes**, autor classicista que ficou prisioneiro depois da batalha de Alcácer-Quibir e daí escreveu os seus poemas. Este “poeta do Lima” foi uma pessoa importante na corte de D. Sebastião e depois também de D. Filipe II. Ele é um daqueles que têm direito de falar sobre estes acontecimentos, porque os viveu. Ele foi escolhido por D. Sebastião para cantar os seus feitos em Marrocos. Foi com o exército de D. Sebastião até Alcácer-Quibir, onde ficou prisioneiro e da sua tarefa fina restava só o desejo de estar morto com os outros, que também influenciou a sua poesia.

Entre os temas típicos da sua obra há, por exemplo, um enamoramento espiritualizado, uma saudade ou motivo das águas fluviais que evocam as lágrimas e o curso do tempo. Nos últimos anos até aparece um desengano da vida terrestre. Das suas obras nomeamos *Várias Rimas ao Bom Jesus* (colectânea de poesia religiosa incluindo os poemas do cativo) ou *Rimas Várias, Flores do Lima*.⁴⁴

Nos séculos seguintes houve escritores „proféticos“ que juntaram as suas „profecias“ e ideais àqueles de Bandarra e assim se criaram o Segundo e Terceiro Corpo das *Trovas* juntados às *Trovas* originais, provavelmente compostos no século 18. No Segundo Corpo fala-se por exemplo sobre a construção de palácio da Mafra. No Terceiro (que foi descoberto em 1729 na altura de reinado do D. João V) fala-se depois outra vez sobre a volta do Encoberto, que vem da Ilha Encoberta, e assim este tornou-se o novo guia dos sebastianistas.

„O Encoberto seria um Rei Quarto (IV) ou Sexto (VI) do nome,
como se julgava poder ler em outra trova:

⁴¹ José van den Besselaar, op. cit., p. 38.

⁴² Idem, p. 38.

⁴³ Idem, p. 39.

⁴⁴ Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa* (Porto: Porto Editora, 1996), p. 366.

*Põe um A pernas acima,
Tira-lhe a risca do meio,
E por detrás lha arrima!
Saberás quem te nomeio.*

...

Mas cumpre notarmos que, no século 18, a trova era aplicada a D. João IV o Restaurador e, por volta de 1800, à letra inicial do Napoleão.⁴⁵

Isso foi publicado na outra edição das *Trovas* que saiu em 1809 em Barcelona. No ano de 1866 as *Trovas* foram reeditadas mais uma vez na Imprensa Popular por J. L. de Sousa.

6.1 Manuel de Bocarro Francês

Na história da literatura portuguesa encontramos mais um exemplo interessante do messianismo do matemático, médico e alquimista Manuel de Bocarro Francês. Em 1624 ele publica *Anacephaleosis de Monarchia Lusitana*, que se divide em quatro partes com o objectivo de cantar as glórias da nação. O autor usa nesta obra o verso camoniano e práticas e teorias astrológicas e cabalísticas.⁴⁶

L. Azevedo especifica a sua obra um pouco mais. Diz-nos que para Bocarro, o Encoberto é o Duque de Bragança, D. Teodósio. A primeira parte de *Anacephaleosis*, intitulada *Estado astrológico*, fala sobre o futuro de Portugal e simultaneamente menciona as esperanças que foram carregadas nas costas de D. Sebastião. Na segunda parte, que se chama *Estado régio*, ocupa-se com o que fizeram os reis e na terceira parte, *Estado titular*, fala sobre títulos e dignidades do reino. Na última, quarta parte, *Estado heróico*, enuncia os homens ilustres e os seus feitos. O governo castelhano considerou esta obra e o seu autor como contra-castelhano e então o autor foi preso e depois abandonou Portugal para poder aceitar a nova crença, o judaísmo.⁴⁷

7 Situação no tempo da Restauração

Quanto à situação histórica neste período, devemos lembrar, que se aproximamos do ano de 1640. Seria também bem apontar que a maioria dos

⁴⁵ José van den Besselaar, op. cit., p. 27 – 25.

⁴⁶ Óscar Lopes, op. cit., p. 382.

⁴⁷ João Lúcio de Azevedo, op. cit., p. 72 – 76.

sebastianistas eram jesuítas, como por exemplo Francisco Manuel de Melo ou Padre António Vieira. Como explica Azevedo, a Companhia de Jesus era o “foco activo do sebastianismo”⁴⁸. E todos os representantes da esfera espiritual ou eclesiástica se encontravam em desconcerto com o governo castelhano.

Quando então os problemas espanhóis começaram a ser intragáveis, os portugueses decidiram não abaixar mais a cabeça. No ano de 1637 chegou a revolta popular em Évora no Alentejo, mas acabou por não ter sucesso porque não houve ninguém para a dirigir. E quando os espanhóis exigiram para que os portugueses participassem na guerra contra a revolta na Catalunha, os portugueses achavam a hora apropriada. A isso seguiu a revolta em Vila Viçosa, que trouxe a liberdade para Portugal e a aclamação do rei D. João IV. Com ele começa a dinastia de Bragança. Este feito foi na verdade preparado e realizado por jesuítas, grandes exaltadores do povo contra os castelhanos e ganhou imediatamente apoio de todo o povo português.⁴⁹

Assim têm muitos a esperança de D. João IV ser o vaticinado Encoberto. Quando voltamos ao Bandarra, encontramos que nele aparecem muitas alusões que podem ser explicadas no sentido joanista, como nos mostra Azevedo. No seu livro ele diz que Bandarra prediz também a sedição de Évora que encontramos nas seguintes coplas:

*“Antes que cerrem quarenta
Erguer-se ha gram tormenta.”*

E em 1638 chega ao reino D. Duarte, que também se afina com algumas coplas:

*“Este rei tem um irmão
Bom capitão”⁵⁰*

Nestes versos viram os restauradores a prova da justeza desta teoria, porque o irmão de D. João IV, D. Duarte, foi um bom capitão que participou na Guerra dos Trinta Anos.

7.1 Mito restaurador

Assim sendo, os crentes no mito, como por exemplo António Vieira, aplicaram os vaticínios para o rei novo. Com a distância do tempo, os textos, originalmente aplicados a D. Sebastião, eram neste momento reinterpretados, e muitos crentes

⁴⁸ Idem, p. 84.

⁴⁹ Idem, p. 82.

⁵⁰ Idem, p. 88.

acreditavam que é uma interpretação melhor. Assim o sebastianismo transformou-se em joanismo ou seja em mito restaurador.⁵¹

Bandarra tornou-se nesta altura um profeta nacional e o seu retrato estava no dia da proclamação de D. João IV num altar da Sé, como nos apresenta J. L. Azevedo⁵². Também é feito o túmulo de Bandarra com a epígrafe: “*Aqui jaz Gonçalo Eannes Bandarra, natural desta vila, que profetizou a restauração deste reino, e que havia de ser no ano de 1640, por el-rei D. João IV, nosso senhor.*” E de seguida, em 1644 estão impressas as *Trovas* completas em Nantes. Como vemos, o interesse por Bandarra e pela exaltação do espírito nacional cresceu.

7.2 Padre António Vieira

Como já aludimos, uma personagem que se ocupou imensamente com este assunto foi o Padre António Vieira (1608 - 1697), grande pregador do século 17. Sobre o tema de sebastianismo ou seja de joanismo escreveu as obras *História do Futuro*, *Clavis Prophetarum* e *Quinto Império*. Nestas obras Vieira ocupa-se com o fenómeno de Quinto Império e do Encoberto. Segundo ele, o Quinto Império é o português, como vemos na *História do Futuro*:

“O primeiro império do mundo, que foi o dos Assírios, e dominou toda a Ásia, também foi o mais oriental. Dali passou aos Persas, mais ocidentais que os Assírios; dali aos Gregos, mais Ocidentais que os Persas; dali aos Romanos mais ocidentais que os Gregos: e como já tem passado pelos Romanos, e vai levando seu curso para o ocidente, havendo de ser, como é de fé, o último império, aonde pode ir parar, senão na gente mais ocidental de todas?”⁵³

Este Quinto Império será politicamente português e espiritualmente católico e nele será realizada o convivência perfeitamente equilibrada entre a Igreja e Estado. O Rei deste Império será o escolhido por Deus, ou será o representante da Providência

⁵¹ Muitos vaticínios e prodígios relativos à aclamação de D. João IV encontramos numa obra chamada *Restauração de Portugal prodigiosa*, escrita sob o pseudónimo Gregório de Almeida.

⁵² João Lúcio de Azevedo, op. cit., p. 100.

⁵³ Alessandro Manduco, “História e Quinto Império em Antonio Vieira.” *Revista TOPOI*, n. 11, v. 6, jul.-dez. 2005, p. 253. Disponível em World Wide Web: (http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi%2011/topoi11a2.pdf), consultado em 2. 4. 2012.

divina qua para Vieira é o rei Encoberto.⁵⁴ Segundo ele, este rei Encoberto será o D. João IV.

7.2.1 Vieira Restaurador

Vieira pregou também no *Sermão dos Bons Anos* e de *São José* sobre a legitimidade deste novo rei português. Segundo ele, a dominação espanhola não ia ultrapassar sessenta anos porque ele encontrou outra versão da copla do Bandarra já citada *Antes que cerrem quarenta*, em que foi escrito “sessenta”. De qualquer forma, as duas versões eram convenientes para ele, porque ambas demonstraram a sua verdade de D. João IV ser o Encoberto. Na sua *História do Futuro* ele foi até aos tempos mais longínquos, concretamente à altura do primeiro rei português, D. Afonso Henriques, ao qual segundo a lenda o próprio Deus disse que o sucesso para ele é garantido e que ele (Deus) “colocaria os olhos na descendência atenuada do décimo sexto rei Português”⁵⁵. Como fonte das informações serviu-lhe a *Crónica do Cister*, escrita por Frei Bernardo de Brito, onde na primeira parte encontramos o relato da aparição de Deus ao primeiro rei Português. Para António Vieira este décimo sexto rei português foi D. João IV. Assim Vieira criou e desenvolveu através de várias profecias profanas e bíblicas “todo o arquétipo justificador da Restauração portuguesa”.⁵⁶

Mas 14 anos depois da aclamação de D. João IV, nenhum dos vaticínios foi cumprido e o rei estava doente. Mas António Vieira assegurou que ele não podia morrer; “se morresse, ressuscitaria, para concluir a sua missão na terra e se cumprirem as profecias”⁵⁷ e neste sentido invocou e explicou os vaticínios de Bandarra. Mas o rei faleceu no ano de 1656.

Depois, António Vieira ocupou-se muito com as profecias de Bandarra, para poder encontrar algum sinal dos acontecimentos que iam seguir. Ele até escreveu comentário, interpretação e apologia do Bandarra e, segundo ele, há algumas linhas de Bandarra que predizem o ressuscitamento de D. João IV. Por exemplo, ele encontrou numa versão em vez de “O reino novo he alevantado” “O reino novo é acordado”. Porém como nos diz João L. Azevedo, nesta altura o joanismo ou messianismo

⁵⁴ Idem, p. 254.

⁵⁵ João Baptista Pereira, *O padre António Vieira: Orador e Profeta do V Império*, p. 231. Disponível em World Wide Web: (http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2005-Joao_Pereira.pdf), consultado em 30. 3. 2012

⁵⁶ Idem, p. 233.

⁵⁷ João Lúcio de Azevedo, op. cit., p. 108.

restaurador já se encontrava em declínio e o patriotismo místico começava a voltar-se novamente para o D. Sebastião.⁵⁸

Logo depois da morte de D. João IV começou com Vieira o processo de Santa Inquisição. O pretexto disso foi a carta à rainha viúva, em que ele mencionou o Quinto Império, para dar-lhe a consolação da perda do marido. E isso causou-lhe a perseguição da Inquisição que durou sete anos, dos quais dois ele passou na prisão em Coimbra. Mas mesmo depois a Inquisição, que em 1665 proibiu as *Trovas* de Bandarra, não o deixava de perseguir.

Depois da chegada de Afonso VI ao poder, em 1662⁵⁹, o país entrou na crise nacional, também por causa da Guerra da Restauração, porque a Espanha não quis desistir de dominar Portugal. Esta crise causou outra vez um renascimento das esperanças no salvador prometido.

Segundo Azevedo, António Vieira foi “desvariado por causa da educação e vida no claustro, do ambiente místico da Companhia...A sua capacidade de crer no maravilhoso era enorme, sem nisso se distinguir da média dos contemporâneos, se bem que talvez o muito ler e o excesso da imaginação o levassem até onde o comum só desconfiado o seguia.”⁶⁰

Podemos concordar com esta afirmação porque, como mostram as maquinações com a doutrina cabalística, com a Bíblia ou várias profecias, este homem sábio e célebre parece como um fanático na busca dos sinais da iniciação do Quinto Império.

7.2.2 O Quinto Império de Vieira

Passo a passo, Vieira vai abandonando a ideia de ressurreição e começa a concentrar-se no mito do Quinto Império.⁶¹

Nas suas análises das coplas de Bandarra Vieira encontrou umas que mencionam o número 6: “*E nestes seis, Vereis cousas de espantar*”. Naquela altura, nos anos sessenta do século 17., ele tomou conta que tanto a doutrina cabalística, como a Bíblia dão muita importância ao número 6, por exemplo na Apocalypse é mencionado o número 666. Vieira aplicou isto para o seu caso e apareceu o número de 1666. Segundo

⁵⁸ Idem, p. 111.

⁵⁹ No ano da morte de D. João IV ele tinha só 13 anos, por isso da regência tomou conta a viúva de D. João IV, D. Luísa de Gusmão, que reinou até 1662.

⁶⁰ João Lúcio de Azevedo, op. cit., p.115.

⁶¹ Idem, p. 125.

Vieira esperam-se grandes mudanças no mundo para este ano.⁶² Mas, como sabemos, não aconteceu nada.

Dois anos depois, em 1668, a Espanha propôs paz com Portugal. A paz foi assinada por D. Pedro, que assumiu poder um ano antes, em 1667. Vieira considerou este facto como outro sinal dos acontecimentos grandiosos e do começo do Quinto Império. E depois, quando o Quinto Império não chegou, moveu o seu início para o ano de 1673. Mas quando nem isso se cumpriu, tentou interpretar Nostradamus.⁶³ Mas tudo isso foi um engano só, um desejo de ver o mundo melhor segundo os seus ideais. Quando nasceu o filho de D. Pedro II, Vieira achou que este seria o imperador futuro do Quinto Império, mas como morreu um mês depois do seu nascimento, Vieira mudou outra vez de opinião para esta vez afirmar que seria o segundo filho de D. Pedro e como sempre encontrou provas na Santa Escritura e nas outras profecias.⁶⁴

Ele também disse que o Quinto Império se instalaria depois da derrota dos turcos, o que não aconteceria depois do ano 1700. Quando apareceu um cometa em 1695, Vieira considerou este facto outro sinal para os portugueses e o sinal da chegada do Quinto Império. Disse que no ano de 1577 apareceu um cometa (e neste ano aconteceu o desastre de Alcácer Quibir) e que mesma coisa aconteceu também no ano de 1580, quando morreu Cardeal D. Henrique. Mas infelizmente Padre António Vieira não viveu para ver o Quinto Império instalado, porque ele morreu em 1695.⁶⁵

7.3 Incorporação da Ilha Encoberta no mito

A ideia da Ilha Encoberta não é muito anterior à Restauração, porque D. João de Castro não a menciona, mas há referências nas cartas entre Padre António Vieira e Francisco Manuel de Melo. Nesta ideia há pontos idênticos com a lenda do rei Artur.

“Havia lá sete cidades , cada uma com o seu bispo, e mais trezentas vilas, os primeiros habitantes tinham ido do Porto, no tempo dos Gôdos, quando o último rei foi derrotado por mouros, e levaram como Noé na arca um casal de cada espécie de animais, e plantas

⁶² Idem, p. 120.

⁶³ João Baptista Pereira, op. cit., p. 243 – 248.

⁶⁴ Idem, p. 269.

⁶⁵ Idem, p. 279, 283 – 287.

diversas, que se reproduziam na ilha deserta, encontrada quando tinham vagueado muitos dias na solidão dos mares.”⁶⁶

8 Desenvolvimento do Mito Sebastianista no século 18

Ainda nos últimos anos do século 17 a Inquisição lutou contra superstição. Depois do aprisionamento de Vieira foi apagado o epitáfio da sepultura de Bandarra. Mas mesmo assim, desde os últimos anos de D. Pedro II o sebastianismo prosperava. E no reinado de D. João V a seita estava ainda mais difundida por causa do descontentamento com negócios públicos.

“Foi neste período que um estrangeiro, descrevendo o estado mental da nação, dizia estarem metade dos Portugueses, que eram os cristãos novos, à espera do Messias, a outra metade à espera de D. Sebastião.”⁶⁷

Em 1736, quando nasceu a filha ao rei D. José, um frade pregou, que teria um filho varão e que este fundaria o Quinto Império. Nesta época aparece outra série de *Trovas*, o Terceiro corpo, que é mesmo como o Segundo um fraude, escrito pelos fanáticos a adicionado às originais *Trovas* de Bandarra.

Durante o reinado de D. José a crença na volta do Desejado transformou-se numa espécie de mania mansa ou fatalismo tranquilo por causa do peso dos acontecimentos (o terramoto em 1755, a era do governo de Marquês de Pombal que perseguiu os jesuítas e sebastianistas, mesmo como a tentativa do desenvolvimento económico e intelectual do país). Azevedo afirma que “a crença esgotava toda a sua energia de acção no período de Encoberto restaurado.”⁶⁸

8.1 Sebastianismo no tempo pombalino

No tempo do governo de Marquês de Pombal a crença sebastiânica e as obras com esta temática começaram a ser reprimidas e destruídas. Para Pombal, o inimigo maior foi o Padre António Vieira, apesar de morto. Pombal acusou-o da composição das *Trovas* de Bandarra, feitas depois da aclamação de D. João IV. Também mandou colher

⁶⁶ João Lúcio de Azevedo, op. cit., p. 130.

⁶⁷ Idem, p. 135.

⁶⁸ Idem, p. 139.

todos os textos escritos de Vieira e sobre ele e publicou-os na obra chamada *Maquinações de António Vieira Jesuita*.

As obras como *Restauração de Portugal prodigiosa* ou *Anacephaleosis* de Bocarro foram queimadas, porque foram representadas como “instrumentos de jesuítas. ... O alvo a que apontava Pombal não era sebastianismo, mas sim os jesuítas.”⁶⁹

8.2 Época de Napoleão

Outro acontecimento grande que despertou uma volta ao sebastianismo para acordar a consciência pública era a invasão francesa. Mas a acção já se esgotou e os crentes só esperavam. As novas análises de Bandarra trouxeram novas ideias. Segundo elas já Bandarra predisse a chegada de Napoleão conforme vemos na estrofe seguinte:

*Põe um A pernas acima,
Tira-lhe a risca do meio,
E por detrás lha arrima!
Saberás quem te nomeio.*

À base da instrução nesta copla, recebemos a letra N. Ou o número IV, o que foi ligado a D. João IV. Também é necessário apontar que esta copla é do corpo publicado em 1729, então não é do próprio Bandarra.⁷⁰

Neste período, os sebastianistas acreditavam que D. Sebastião voltaria com um exército grande e venceria o Napoleão perto de Évora e depois continuaria até à realização do império universal.

Azevedo aponta um facto interessante, que “entre um e outro período o nível mental dos adeptos (da seita sebastiânica) baixara consideravelmente... A esperança cândida que animava no século de seis centos o patriotismo, dispara afinal no ridículo.”⁷¹

Depois da volta de D. João VI do Brasil foi ele considerado como o Encoberto que vai salvar a nação. No início do século 19 ficaram fieis à seita só maníacos, como nos diz Azevedo⁷². Mas mesmo assim, em 1809 foi publicada outra, nova edição das *Trovas* em Barcelona, e só um ano depois outra em Londres, que demonstra o interesse grande por esta obra. Em Barcelona foram republicadas as *Trovas* em 1866, porque

⁶⁹ Idem, p. 143.

⁷⁰ Idem, p. 147.

⁷¹ Idem, p. 151 – 152.

⁷² Idem, p. 154.

todas as cópias estavam esgotadas. E é neste período, em que o escritor Almeida Garrett escreve a sua obra *Frei Luís de Sousa*.

9 A crítica do sebastianismo no século 19

9.1 Almeida Garrett e Frei Luís de Sousa

Outro autor que aborda o mito do sebastianismo na sua obra é Almeida Garrett (1799 - 1854), uma das maiores figuras do romantismo português. O que nos interessa neste trabalho é a sua peça teatral *Frei Luís de Sousa*, escrita em 1843. Como o próprio autor diz no comentário a esta obra intitulado *Ao Conservatório Real*, trata-se duma verdadeira tragédia apesar de não respeitar a composição tradicional, porque não é escrita em verso. Esta obra é cheia das alusões e factos sobre a batalha de Alcácer-Quibir e sobre o Dom Sebastião, porque é situada no período imediatamente seguinte à batalha e descreve muito bem a situação na sociedade portuguesa naquela altura – as famílias sem pais, sem maridos, todos mortos ou presos. O tempo da constante incerteza.

Em *Frei Luís de Sousa* o autor descreve um casal, Manuel de Sousa Coutinho e a D. Madalena de Vilhena e a sua filha Maria. D. Madalena foi já casada há muito tempo, mas o seu marido D. João de Portugal desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir. Depois de esperar muito tempo por ele, acreditando que ele tinha morrido, casou de novo com Manuel de Sousa, com quem ela tem a filha Maria. Mas apesar de ter o amor do seu marido e da sua filha, ela sempre tem remorsos e dúvidas sobre o que na verdade aconteceu com o seu primeiro marido. Os seus sentimentos estão perto do colapso quando depois de Manuel de Sousa acender a sua casa como expressão do protesto contra o governo espanhol, eles têm que mover para a casa do seu primeiro marido, D. João de Portugal. Parece que ela tem razão para isso porque de repente aparece um romeiro misterioso que na verdade é D. João de Portugal voltando para a sua terra natal e para o lado da sua esposa. O facto de D. João estar vivo torna a Maria uma filha ilegítima, que naquela altura era um pecado muito grave e a única resolução para Manuel de Sousa é o divórcio religioso, quando os dois maridos vão tomar o hábito para se purificar e dedicar o resto da sua vida a Deus para desfazer os seus erros. A obra termina com a morte de aflição da Maria nos braços dos seus pais junto ao altar na Igreja.

9.2 Garrett e o sebastianismo

A atitude de Almeida Garrett ao mito sebastianista é evidentemente crítica. Ele descreve uma nação dependente do passado e do futuro, quando ela crê na chegada do Encoberto. Ele critica a esperança na volta de D. Sebastião e exprime isso na figura de D. João de Portugal que volta e destrói tudo. A situação de D. João de Portugal não descreve só a sua tragédia, ou seja, a incapacidade dum homem que depois de sofrer por muito tempo perde a esperança no futuro. É ao mesmo tempo uma descrição da tragédia duma nação que vive uma presença miserável e buscando a sua identidade. O mais importante nesta obra é o descobrimento da falta do pensamento realista na sociedade portuguesa. Garrett descreve Portugal como um fantasma, um país sem presença, só com o passado e pressentimentos do futuro.

O drama Frei Luís de Sousa é uma das obras mais patrióticas de Almeida Garrett e inclui uma mensagem para os seus contemporâneos. Ele quer acordar os Portugueses, fazer recordar os erros e catástrofes da história portuguesa para que se possam evitar no futuro.⁷³

9.2.1 Característica das personagens

Figura histórica de Frei Luís de Sousa

O protagonista Frei Luís de Sousa era baseado na figura real e histórica. Sobre ele sabemos da História de S. Domingos de Frei António da Encarnação. Frei Luís de Sousa viveu entre anos 1556 e 1632 e o seu destino foi igual ao descrito nesta obra. Podia ainda acrescentar, que ele foi cativo em Argel, onde encontrou Cervantes e também que viajou por mares orientais da Índia. Depois de se tornar frei em 1613, fez o trabalho do cronista.⁷⁴

Quanto ao carácter das personagens principais nesta peça, podemos afirmar que a **D. Madalena** é uma boa pessoa com um bom coração mas a incerteza e o receio da volta inesperada do a marido tornou numa pessoa temente. O medo, ou seja, até uma pánica do futuro mostra-nos a passagem quando a Madalena é forçada mudar para casa do seu primeiro marido:

⁷³ Marie Havlíková, *Almeida Garrett a jeho hra o nepřítomnosti portugalské přítomnosti*, posfácio para o livro *Mnich Luís de Sousa*, (Praha: TORST, 2011), p. 165.

⁷⁴ Óscar Lopes, op. cit., p. 445-447.

*“Mas tu não sabes a violência, o constrangimento de alma, o terror com que eu penso em ter de entrar naquela casa. Parece-me que é voltar o poder dele, que é tirar-me dos teus braços, que vou encontrar ali... que vou achar ali a sombra despeitosa de D. João, que me está ameaçando com uma espada de dous gumes... que a atravessa no meio de nós, entre mim e ti e a nossa filha, que nos vai separar para sempre....Sei de certo... que todas as calamidades do mundo venham sobre nós.”*⁷⁵

Neste excerto vemos o seu receio do futuro ligado com a pessoa do seu primeiro marido, D. João de Portugal. Ela sofre sob um constante receio do futuro e, no seu caso, o sebastianismo, ou seja, a crença na volta do passado, é perigoso para ela e tem conotações negativas.

Manuel de Sousa é um patriota corajoso, incomfortado com a dominação dos espanhóis, *“um verdadeiro português”*, o que se vê bem no seu gesto contra os governadores, quando ele acende a sua própria casa. Também vemos que é honesto e amante. Ele parece não ter medo do passado e do futuro mas, mesmo assim, o passado influencia-o.

A figura de Telmo Pais e Maria de Noronha

Nestas duas figuras é melhor personificado o mito e o sentimento sebastianista. A filha de Madalena e de Manuel, Maria, é uma criança inocente que depois sofre muito com a situação. Telmo Pais, servidor de Madalena, era também servidor de D. João de Portugal e agora é algo como o educador da Maria. Ele é fiel à sua dona, mas ao contrário dela ele nunca acabou de crer na vida do seu primeiro dono, que amava de todo o coração. Telmo é um sebastianista por excelência. A esperança na volta do seu Dono é presente em toda a peça. Ele até fala com a Maria sobre a volta de D. Sebastião, com que ele relaciona a volta do D. João. Mas na sua figura há uma contradição, porque apesar de desejar a volta do seu dono, ele acaba por ficar fiel à Maria. Ele está então “preso” entre o passado e o presente. Quando o seu desejo da volta do seu Dono se cumpre, ele acaba por se decidir a viver no presente e recusar o passado, porque sabe que o passado já não é possível reviver.

⁷⁵ Almeida Garret, *Frei Luís de Sousa*, (S. I.: Ulisseia, 1992), p. 66.

O sentimento sebastianista da Maria é um pouco diferente do do Telmo. Ela é idealista e ingénua e não se dá conta de que o facto da volta de D. Sebastião (ou seja D. João de Portugal) pode significar a humilhação e, digamos, uma destruição dela.

“Que é do romance que me prometestes; não é o da batalha, não é o que diz:

Postos estão, frente a frente,

Os dous valorosos campos;

*É o outro, é o da ilha encoberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há-de vir um dia de névoa muito cerrada... Que ele não morreu; não é assim, minha mãe?”*⁷⁶ Neste excerto é visível o seu desejo da volta de D. Sebastião que ela imagina mais como um conto de fadas. Ela não se pode dar conta das consequências que a volta podia significar. No excerto seguinte ela elogia D. Sebastião, a sua personagem e os seus feitos:

*“Mas então, vamos, tu não me dizes do retrato; olha: (designando o de el-rei D. Sebastião) aquele do meio, bem sabes se o reconhecerei: é o do meu querido e amado rei D. Sebastião. Que majestade! Que testa aquela tão austera, mesmo dum rei moço e sincero ainda, leal, verdadeiro, que tomou a sério o cargo de reinar e jurou que há-de engradecer e cobrir de glória o seu reino! Ele aí está... E pensar que havia de morrer às mãos de mouros, no meio de um deserto, que numa hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que está naqueles olhos rasgados, no apertar daquela boca!... Não pode ser, não pode ser. Deus não podia consertir em tal.”*⁷⁷

Enfim ela morre como uma heroína trágica e romântica por excelência, cheia do sofrimento, sendo uma vítima do destino.

Outra figura que na minha opinião fica mais ou menos atrás mas mesmo assim tem uma função importante é Frei Jorge Coutinho, o irmão de Manuel de Sousa. Ele sempre tenta acalmar todos, acalmar a situação, digamos até salvar a situação e apoiar psicologicamente aqueles que estão em angústia e mágoa emocional. Mas também tem razão Palmira Nabais, que fez um estudo sobre esta obra, que diz que é ele quem *“se torna inflexível quando os imperativos morais apontam a Madalena e a Manuel o caminho do convertito, impedindo qualquer tentativa de Telmo no sentido de evitar tal solução.”*⁷⁸

⁷⁶ Idem, p. 55.

⁷⁷ Idem, p. 77.

⁷⁸ Palmira Nabais, Introdução, op. cit, p. 30.

D. João de Portugal, uma figura do tempo da glória portuguesa, é uma metáfora da prisão do passado em que vive a pátria submissa. Até na ausência mete medo a todos, o seu fantasma causa uma tensão na família e personifica o próprio destino, o fado.

“D. João de Portugal, o Romeiro, aparece como um anjo vingador do “pecado” de D. Madalena – ter amado Manuel de Sousa desde a primeira vez que o vira, sendo ainda casada. Figura ascética e humilde, tudo na sua atitude contraria essa impressão exterior. Em si não há nem humilde, nem caridade, nem perdão: outros terão de sofrer como ele sofrera já durante vinte longos anos.”⁷⁹

Importante é que esta atmosfera efémera e tenebrosa é um meio do autor para expressar o estado sem esperança, em que se encontrava o país naquela altura e talvez também no seu tempo actual. Este drama sobre a pátria e a nação é uma alegoria de Portugal. Porque, e isso é importante para este trabalho, o destino de D. João de Portugal é idêntico com o destino de D. Sebastião e com falência do país depois da batalha de Alcácer Quibir.⁸⁰

Nesta obra, influenciada pela tragédia clássica, o destino é a força motriz que conduz a vida das personagens. Elas na verdade não têm culpa, mas mesmo assim sofrem. Eles todos (até o Telmo) querem viver no presente, mas o passado, ou seja, a crença no sebastianismo, não os deixa. Este passado persegue-os. É a crítica do sebastianismo feita por Almeida Garrett que é, segundo a nossa opinião, a mensagem principal desta obra, que fortemente ataca a impossibilidade de se afastar do passado e viver a vida presente.

10 Fernando Pessoa e o mito do sebastianismo no século 20

O último autor com que se ocupa o nosso trabalho é Fernando Pessoa (1888 - 1935). Este “Super-Camões” da esquina do século 19 e 20 interessou-se também pelo mito sebastianista e mito do Quinto Império. Pessoa que viveu já na época de grandes mudanças sociais, como o estabelecimento da Primeira República, a crise financeira

⁷⁹ Idem, p. 29.

⁸⁰ Marie Havlíková, op. cit., p. 164, 165.

mundial e as guerras mundiais. Portugal naquela altura encontrava-se em decadência e os portugueses no desespero.

É neste momento de frustração nacional em que Sidónio Pais foi eleito “presidente-rei” do país (1918). Para Fernando Pessoa foi um símbolo patriótico em que ele pôs as suas esperanças do reerguimento de Portugal, de um ressurgimento nacional. Segundo António Quadros Pessoa viu nele até “nova encarnação do Encoberto,”⁸¹ com cujo mito ocupou-se muito. Ele tentou despertar o espírito português daquela letargia em que se encontrava. E na personagem de Sidónio Pais ele viu a possibilidade dum futuro melhor. Porém no mesmo ano da sua eleição Sidónio Pais foi assassinado e as esperanças de todos à volta desta figura desapareceram. Dois anos depois da morte dele Pessoa escreveu um poema dedicado a este presidente chamado *À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais*, onde ele fala sobre o seu herói e menciona também a necessidade da volta do Desejado. Segundo António Quadros, este poema é o primeiro poema sebastianista de Fernando Pessoa.⁸²

A sua única obra publicada em português na vida foi a *Mensagem*, uma das obras mais importantes para o sebastianismo “moderno”. Este livro foi publicado em 1934 e contém poemas escritos entre 1913 – 1934 sobre Portugal, D. Sebastião (tanto o Desejado como o Encoberto) e o Quinto Império. Importante na leitura desta obra é ter em conta as teorias ocultas, esotéricas e alquímicas com as quais se ocupou Fernando Pessoa. A consciência destas teorias presente durante a leitura da *Mensagem* ajuda-nos a compreender a sua visão do mundo e do sebastianismo.

10.1 Mensagem

Mensagem é, digamos, um “pequeno livro de poemas e de orações pagãs”⁸³ e contém três partes, intituladas *Brasão*, *Mar Português* e *O Encoberto*. O número três é um número muito importante segundo as teorias cabalísticas, pagãs e também é um número importante na Bíblia, onde ocorre por exemplo na divisão em Alma, Corpo e Espírito Santo. Na interpretação devemos ter em conta a estrutura hermética, alquímica.

⁸¹ António Quadros, *Fernando Pessoa: Vida, Personalidade, Génio* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992), p. 238.

⁸² Idem, p. 239.

⁸³ Nuno Hipólito, *As Mensagens da Mensagem: A mensagem de Fernando Pessoa, anotada e comentada*. Disponível em World Wide Web: (<http://www.umfernandopessoa.com/livros/as-mensagens-da-mensagem-2010.pdf>), consultado em 14. 4. 2012

10.1.1 Divisão temática da Mensagem

No *Brasão* Pessoa fala sobre a história de Portugal e sobre a conquista do território português e os seus reis. Na segunda parte, no *Mar Português*, ele trata a exigente expansão marítima e eleva os descobridores. Na terceira e última parte intitulada *Encoberto*, Pessoa ocupa-se com a necessidade dum mito nacional para uma regeneração de Portugal. Ele quer “iniciar a revitalização da alma nacional.”⁸⁴ Assim podemos dizer que Pessoa fala sobre a história e o futuro possível e hipotético de Portugal.

Brasão

Brasão divide-se em *Os Campos*, *Os castelos*, *As Quinas*, *A Córnea* e *O Timbre*. Segundo Nuno Hipólito, é também possível um cálculo numerológico dos poemas. Na *Mensagem* há 19 poemas. Quando decompomos o número 19, temos 1 e 9. 1 mais 9 são 10; 1 mais 0 dá o número 1, que representa o início.⁸⁵

Como já foi dito, neste parte da *Mensagem*, Pessoa descreve os inícios de Portugal. Nos *Castelos* ele fala sobre os fundadores de Portugal, como por exemplo Ulisses ou Viriato, com que são ligados os feitos míticos. Assim representam um tipo de lenda, do mito. E isso é que é importante para Pessoa. O mito. “Criar mitos para Pessoa é a ocupação mais alta que um homem pode desejar ... A vida sem lendas, sem mitos não é vida.”⁸⁶ Aqui vemos bem a tentativa de Pessoa de exaltar o povo, a nação para se levantar “do pó”, para se animar para que possa crescer.

Depois ele continua na descrição dos primeiros reis portugueses, como por exemplo D. Afonso Henriques, D. Dinis ou D. João I. Nas *Quinas* ele fala sobre a chamada “Ínclita geração”, quer dizer os filhos e a filha de D. João I e Filipa de Lencastre. Segundo Hipólito, os *Castelos* representam os pais e as *Quinas* os seus filhos.⁸⁷

Esta parte, *As Quinas* termina com o poema “D. Sebastião”, com o qual morre a dinastia de Avis, a dinastia da Índia. Neste poema Pessoa fala sobre a loucura

⁸⁴ Idem, p. 98.

⁸⁵ Idem, p. 7,8.

⁸⁶ Idem, p. 15-16.

⁸⁷ Idem, p. 43.

deste rei, que se meteu naquela jornada infeliz que causou a perda de quase toda a nobreza e da independência. Ele era louco mas só porque quis grandeza, quis mais.⁸⁸

*“Louco, sim, louco quis grandeza
Qual a sorte não dá.*

...

*Por isso onde o areal está
Ficou o meu ser que houve, não o que há.”*⁸⁹

Ficou lá o seu corpo, mas não o seu ser que se transformou no mito, mito do Encoberto, não mais o mito do Desejado. Ele quis grandeza e na verdade a conseguiu. Nasceu o seu mito. Mais adiante Pessoa diz-nos que é importante querer algo mais, porque sem o desejo de atingir alguma coisa somos só bestas ou só esperamos a morte:

*“Sem a loucura, que é um homem
Mais que uma besta sadia,
Cadáver adiado que procria.”*

Aqui vemos a importância do mito, das lendas e da ambição de criar alguma coisa maior que nós somos. É isso que Pessoa tenta, criar um mito popular e exaltar a nação.

Segue *A Coroa*, que contém só um poema, “Nunálvares Pereira”, descrevendo os seus sucessos na batalha de Aljubarota, onde venceu os castelhanos. Hipólito crê que este poema deve representar uma oposição a D. Sebastião que teve a coroa, mas foi derrotado, enquanto Nunálvares Pereira não a teve, foi só general, e conseguiu talvez o que D. Sebastião tivesse desejado.⁹⁰

Como a última parte de *Brasão* segue *O Timbre* que deve representar um grifo. A cabeça do Grifo é o Infante D. Henrique, O Navegador, que representa a visão. Uma asa do Grifo é D. João Segundo, que representa a asa que faz voar a visão, a ideia de D. Henrique. A seguir há outra asa, Afonso de Albuquerque, o governador da Índia e representante da força que na verdade acabou o voo começado por D. Henrique.⁹¹ Aqui temos então três elementos necessários para a realização de qualquer plano. Temos que ter a visão, o poder da vontade de efectuar a obra e o poder de a fazer prevalecer.

Mar Português

Nesta parte Pessoa descreve os actos feitos pela nobreza que é descrita no *Brasão*. Quando analisamos a estrutura do *Brasão* do ponto de vista numerológico, parece que é possível encontrar algum sentido oculto. Há doze poemas que podem

⁸⁸ Idem, p. 45.

⁸⁹ Fernando Pessoa, *Mensagem* (Lisboa: Livros de Bolso Europa-América, [1980-?]) p. 106

⁹⁰ Nuno Hipólito, op. cit., p. 49.

⁹¹ Idem, p. 51-57.

representar os signos de zodíaco. No poema “Horizonte” Pessoa fala do perigo do mar, e de como os portugueses venceram o medo e derrotaram o mar. No poema “O Mostrengo” fala também dos problemas e obstáculos com os quais os portugueses, até mesmo Camões, tinham que lutar. Depois ele canta os feitos dos descobridores, como por exemplo nos poemas “Bartolomeu Dias”, “Colombos”, “Fernão Magalhães” ou “Vasco da Gama”.

Um dos poemas mais citados de *Mensagem* é “Mar português” em que nos versos “*Valeu a pena? Tudo vale a pena / se a alma não é pequena*”, Pessoa fala sobre a necessidade de se sacrificar para atingir alguma coisa. O poema que se segue é “A última nau”, que parece como uma introdução à terceira parte de *Mensagem*, *O Encoberto*. Pessoa ocupa-se aqui com o regresso de D. Sebastião e menciona já uma ilha indescoberta. Segundo Hipólito, Pessoa cria na volta de D. Sebastião através da transmigração das almas e que ele considera a si como uma ligação importante na regeneração nacional, porque foi isso em que ele se empenhou. Ficou descontente com a situação de “decadência social, económica e cultural.”⁹² Segundo Fernando de Moraes Gebrá, este poema pode ser dividido em duas partes. A primeira, que consta das primeiras duas estrofes, trata a personagem histórica de D. Sebastião, como ele partiu para o Alcácer-Quibir e morreu lá. Na segunda parte deste poema Pessoa fala já do mito de D. Sebastião, ou seja, do mito da volta do Encoberto. E também diz que ele há-de chegar, qua deve haver a hora, porque o estado em que os portugueses se encontram não pode durar mais tempo.⁹³

Segue o poema “Prece”, em que Pessoa pede pela sua reincarnação e pelo início de um Império Espiritual.⁹⁴ Ele tenta buscar uma identidade propriamente portuguesa para poder levantar novamente a fama dos portugueses: “*E outra vez conquistaremos a Distância – Do mar ou outra, mas que seja nossa!*”⁹⁵

⁹² Idem, p. 93.

⁹³ Fernando de Moraes Gebrá. *Entre Mito e História: O Sebastianismo em Mensagem de Fernando Pessoa*, p. 7, 8. Disponível em World Wide Web: (<http://www.google.cz/url?sa=t&rct=j&q=mensagem%20e%20sebastianismo&source=web&cd=11&ved=OCCMQFjAAOAO&url=http%3A%2F%2Ffojs.c3sl.ufpr.br%2Ffojs2%2Findex.php%2Fletras%2Farticle%2Fdownload%2F6140%2F4382&ei=4ASYT63uLlqYOvWe0c4G&usg=AFQjCNGgIwYdUQcRXrlvVAElhv-56IMsQ&cad=rja>), consultado em 25. 4. 2012

⁹⁴ Idem, p. 97.

⁹⁵ Fernando Pessoa, op. cit., p. 115.

O Encoberto

Neste segmento Pessoa não fala mais sobre a morte mas sobre o renascimento e da ressurreição, porque a morte já passou. É sobretudo aqui onde encontramos as tendências ocultas e alquímicas de Pessoa.

O Encoberto contém três partes: *Símbolos*, *Avisos* e *Tempos*. Segundo Hipólito, nestas três partes do *Encoberto* podem ser aplicados os passos alquímicos necessários para a Obra do alquimista, que são “nigredo (o negro, ou a morte), albedo (o branco, a memória e a distância) e rubedo (o vermelho, sublimação e expressão da verdade iniciática).”⁹⁶

- ***Os símbolos***

Como o primeiro símbolo vem “D. Sebastião”, já não D. Sebastião – Rei de Portugal. “Isto quer dizer que Pessoa invoca agora o símbolo mais perto de estar completo, o mito quase puro e não o homem, a realidade. Lentamente Pessoa livrou-se da carne para ficar com a essência do mito...Pessoa reforça também a visão de D. Sebastião como o mito fundador de um novo Portugal.”⁹⁷ Vemos, que ele tentou criar um mito para a nação, passo a passo fez da personagem real de D. Sebastião uma personagem mítica.

Nas linhas seguintes Pessoa certa e claramente fala sobre a transmigração das almas:

*“Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.
Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?”*⁹⁸

Ele acredita na imortalidade da alma. Apesar de o corpo estar morto, a alma, a essência permanece, guardada em Deus. A morte para Pessoa não é permanente, é só um momento transitório.⁹⁹ E ainda o último verso, “*É esse que regressarei*”, diz-nos que D. Sebastião vai voltar. Fernando de Moraes Gebra bem aponta aqui uma dualidade de D. Sebastião – D. Sebastião histórico e D. Sebastião mitológico.¹⁰⁰

⁹⁶ Idem, p. 101.

⁹⁷ Ibidem.

⁹⁸ Fernando Pessoa, op. cit., p. 116.

⁹⁹ Nuno Hipólito, op. cit., p. 102.

¹⁰⁰ Fernando de Moraes Gebra, op. cit, p. 9.

É no segundo poema dos *Símbolos*, “O Quinto Império”, onde chegamos a saber o que Pessoa imagina sob o conceito do Quinto Império. Segundo Pessoa, o Quinto Império será o Império Espiritual ou o Império de Espírito Santo.

*“Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!
Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.”*¹⁰¹

Nesta primeira estrofe do poema ele volta à crença de que o sofrimento é preciso para atingir alguma coisa. Parece que ele tem pena com daqueles que não têm sonhos e não querem ir mais além.

*“E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do doo clao, que no atro
De erma noite começou.
Grécia, Roma, Cristandade,
Europa – os quatro se vão
Para onde vai toda a idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião!”*¹⁰²

Agora há de se iniciar uma nova ordem. Também aparece aqui a interpretação dos quatro impérios passados. São o da Grécia, da Roma, da Cristandade e Europa. Hipólito apresenta-nos três tipos de império: o império material, intelectual e espiritual. E Pessoa inclina para o Império espiritual, final, de fraternidade que nunca vai passar.¹⁰³

Outro poema dos *Símbolos* é “O Desejado”, em que o rei perde o aspecto humano para se tornar em símbolo absoluto e puro. Na primeira referência, nas *Quinas*, D. Sebastião perde a coroa, depois, nos *Símbolos* ele perde também o corpo e, finalmente, no poema “O Desejado” perde também o seu nome. Neste poema D. Sebastião é comparado com o Galaaz, filho de Lancelote, que conseguiu encontrar o Santo Graal. Os versos “*E ergue-te do fundo de não seres / Para teu novo fado...Revele o Santo Graal!*”¹⁰⁴ são uma invocação, exortação do Desejado para que ele venha e revele o Santo Graal. “O símbolo, o mito de D. Sebastião, traz uma Luz de comunhão – que é luz de conhecimento e luz de união – a um mundo nas sombras, dividido e sem

¹⁰¹ Fernando Pessoa, op. cit., p. 116 – 117.

¹⁰² Ibidem.

¹⁰³ Nuno Hipólito, op. cit., p. 107.

¹⁰⁴ Fernando Pessoa, op. cit., p. 117.

ordem.”¹⁰⁵ Assim outra vez se confirma a teoria que Pessoa quer exaltar o povo, para que ele lute pela sua nacionalidade e assim ele próprio traga um melhor futuro para si.

No seguinte poema “As Ilhas afortunadas” aparece a Ilha Encoberta. Neste poema há uma voz que se ouve inconscientemente, mas quando tentamos escutar, cala-se. É uma voz das ilhas afortunadas, nas quais espera D. Sebastião para voltar um dia. Neste ponto há um “pré-aviso”¹⁰⁶ para aqueles que creem que D. Sebastião realmente voltará um dia como o mesmo rei que morreu há séculos. Segundo Pessoa D. Sebastião voltará, sim, mas como um símbolo e mistério.¹⁰⁷

“O Encoberto” é o nome do poema a seguir que é também o último poema dos *Símbolos*. Neste poema Pessoa pergunta quem poderia substituir o Cristo na Cruz, qual poderia ser o símbolo para a nova religião. Este poema está cheio das alusões às teorias rosacrucianas através da palavra “Rosa”. Estas referências à Ordem da Rosa-Cruz é por causa dos interesses de Pessoa pelos conhecimentos esotéricos. O poema é assim estruturado que nas suas três estrofes conseguimos encontrar três palavras que representam três lemas principais. O primeiro lema é o Símbolo, que aparece nos versos “*Que símbolo fecundo; Que símbolo divino; Que símbolo final*”. Outro lema é a Cruz, presente nos versos “*Na Cruz morta do Mundo; Na Cruz que é o Destino; na Cruz morta e fatal.*” O último lema é a já mencionada Rosa: “*A Vida, que é a Rosa; A Rosa, que é o Cristo; A Rosa do Encoberto.*”¹⁰⁸ Quanto ao Símbolo, vemos que para o Pessoa é divino o símbolo e mito do Encoberto, não o próprio Sebastião. A Cruz para Pessoa representa a morte, mas revivida pela Rosa, que fica nela. A Rosa é também ligada com o Encoberto que vai ser então o representante da nova religião.¹⁰⁹

Neste ponto termina a parte dos *Símbolos* e começam *os Avisos*.

- ***Os Avisos***

Esta parte chama-se *Avisos* porque já no poema “As Ilhas Afortunadas”, Pessoa deu o aviso que D. Sebastião voltará não de forma física mas como um símbolo, e simultaneamente é porque nesta parte ele fala sobre os que “avisaram” a volta do rei. Por isso esta parte contém estes três poemas: “O Bandarra”, “António Vieira” e um poema sem título.

¹⁰⁵ Nuno Hipólito, op. cit., p. 110.

¹⁰⁶ Idem, p. 113.

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ Fernando Pessoa, op. cit., p. 118.

¹⁰⁹ Nuno Hipólito, op. cit., p.114 – 116.

A menção de Bandarra é mais do que clara, porque este profetizou a volta de D. Sebastião ainda antes do seu nascimento e Pessoa ficou inspirado por ele. Como já fez muitas vezes, Pessoa diz também neste poema que é necessário sonhar, por muito irrealizáveis que os sonhos possam ser, e cada um que sonha é, segundo Pessoa, um profeta. Pessoa diz sobre Bandarra que o “*seu coração foi Portugal*”¹¹⁰ porque ele deu a esperança ao povo e criou o mito.

O segundo poema dos *Avisos* é “António Vieira”, no qual Pessoa elogia o Padre António Vieira que foi na verdade o pregador do Quinto Império. Pessoa considera-o um dos maiores escritores portugueses, como vemos no verso “*Imperador da língua portuguesa*”¹¹¹.

O terceiro poema, que é sem título, é considerado ser sobre o próprio Pessoa. Iniciando com “*Escrevo meu livro em beira-mágoa*”, ele fala sobre o vazio que sente dentro de si e sobre a incerteza sobre quem é na verdade. Pessoa pergunta aqui quando vai voltar o rei, quando “é a Hora” e quando ele vai ocupar os corações dos portugueses sem vez do Cristo. Pessoa é aqui um sonhador, um poeta que “espera a vinda do Império Cultural, Império do Espírito, em que todos como ele terão um lugar de destaque”¹¹². Ele considera-se escolhido por Deus através da sua interpretação das *Trovas* de Bandarra, numa das quais ele encontrou uma, referindo-se à sua data de nascimento, ao ano de 1888¹¹³. Assim não admira que ele se considerasse um “Encoberto”.

- ***Os Tempos***

A seguinte parte chama-se *Tempos* e contém cinco poemas, que podem corresponder com os cinco Impérios, os quatro que já passaram e um ainda por acontecer.¹¹⁴ O primeiro poema, “Noite”, trata dos irmãos Corte Real que no século 16 partiram durante os descobrimentos, mas dois deles se perderam e o último, não podendo ir os buscar e salvar, ficou na prisão da sua alma. É isso que Pessoa diz sobre os portugueses, que estão presos, cheios de angústia e intranquilidade. Eles têm que encontrar a força para se erguer do marasmo em que está Portugal. Assim, quando fala na busca dos irmãos, fala numa busca espiritual de si próprio.¹¹⁵

¹¹⁰ Fernando Pessoa, op. cit., p. 119.

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² Nuno Hipólito, op. cit., p. 126.

¹¹³ António Quadros, op. cit., p. 246

¹¹⁴ Nuno Hipólito, op. cit., p. 130.

¹¹⁵ Idem, p. 133.

No segundo poema, “Tormenta”, Pessoa continua na agitação dos portugueses para que despertem e sonhem, queiram e desegem. Para Pessoa, o querer já é um início bastante, o sino da mudança, da vida.¹¹⁶

O poema a seguir chama-se “Calma”, e Pessoa fala outra vez da Ilha Afortunada. E mais uma vez ele diz que esta ilha não é física, mas sim simbólica e espiritual.¹¹⁷

“Antemanha”, o poema seguinte, representa o nascer de um novo dia. E podemos concluir que é a Europa que antecede o Quinto Império. E finalmente, o último poema, “Nevoeiro”, comparamo-lo com o Império Espiritual que deve chegar.

*“Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.*

...

*Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hojed és nevoeiro...*

É a hora!”¹¹⁸

Neste poema Pessoa diz que o presente de Portugal é a decadência expressa pela dispersão e névoa e que segundo ele o país se encontra num ponto desesperado. Ele descreve a apatia dos portugueses que não reconhecem a sua identidade. Pessoa exorta aqui que já “*É a hora*”, para a nação se levantar, despertar da melancolia e do pessimismo, daquele marasmo todo. Os portugueses vivem e morrem sem desejos e sonhos, Pessoa vê Portugal como um país perdido, sem objectivo. E ele quer exaltá-lo e animá-los através da criação dum mito.

Digamos então que Pessoa falou ao mesmo tempo sobre os Impérios passados e sobre a actualidade portuguesa que o desapontou muito. Ele tentou criar este mito para Portugal ter uma esperança, visto que é preciso sonhar e ter esperança para viver. E os portugueses não vivem, segundo ele. Eles só sobrevivem. Como se os portugueses estivessem mortos por dentro. Por isso Pessoa quis dar-lhes uma motivação e visão dum futuro melhor. Ele recapitula a história grandiosa para o português se dar conta de que a tem. Ele critica aqueles que só passivamente esperam por um Messias.¹¹⁹ É preciso erguer-se do marasmo e recuperar o seu espírito. Isso é a mensagem da *Mensagem*.

¹¹⁶ Idem, p. 135.

¹¹⁷ Idem, p. 137, 138.

¹¹⁸ Fernando Pessoa, op. cit., p. 123.

¹¹⁹ Fernando de Moraes Gebrá, op. cit., p. 13.

10.2 Sebastianismo e Quinto Império Pessoaano

A Mensagem não é a única obra de Fernando Pessoa que se ocupa com os temas do sebastianismo e do Quinto Império. Apesar de ser publicada muitos anos depois do seu falecimento, dos temas trata também a obra *Sobre Portugal*. São na verdade textos inéditos de Pessoa, recolhidos e publicados em 1979. Junto com a Mensagem este livro exprime muito claramente as ideias de Pessoa sobre o nosso assunto.

Quanto ao sebastianismo, já vimos que este mito serve a Pessoa para exaltar o espírito do povo. D. Sebastião é para ele antes de mais um símbolo, símbolo da história portuguesa e do poder de crer e ter uma esperança. No livro *Sobre Portugal* ele diz que o sebastianismo para ele é na verdade uma religião propriamente portuguesa, religião patriótica. António Quadros nos cita desta obra:

*“O sebastianismo, fundamentalmente, o que é? É um movimento religioso, feito em volta dum figura nacional, no sentido dum mito. No sentido simbólico D. Sebastião é Portugal: Portugal que perdeu a sua grandeza com D. Sebastião, q eu só voltará a tê-la com o regresso dele, regresso simbólico – como, por um mistério espantoso e divino, a própria vida dele fôra simbólica – mas em que não é absurdo confiar.”*¹²⁰

Vemos que para Pessoa o sebastianismo é patriotismo e por isso os portugueses deveriam voltar a crer nele, para reforçar a sua autoestima nacional. E apesar de saber que é só um símbolo e a sua volta será mesmo simbólica, mesmo assim vale a pena confiar nele. A razão disso já foi dita – para exaltar o povo e erguê-lo da melancolia. Em outro texto ligado ao sebastianismo Pessoa diz:

“A alma é imortal e, se desaparece, torna a aparecer onde é evocada através da sua forma. Assim, morto D. Sebastião, o corpo, se conseguirmos evocar qualquer coisa em nós que se assemelhe à forma do esforço de D. Sebastião, ipso facto o teremos evocado e a alma dele entrará para a forma que evocámos. Por isso quando houverdes criado uma cousa cuja forma seja idêntica à do pensamento de D. Sebastião, D. Sebastião terá regressado, mas não

¹²⁰ Fernando Pessoa, *Sobre Portugal*, (Ed. Ática, Lisboa, 1979, p. 202), citado de livro de António Quadros, op. cit., p. 243.

*só regressado modo dizendo, mas na sua realidade e presença concreta, posto que não fisicamente pessoal.”*¹²¹

Aqui se vê a crença de Pessoa em que D. Sebastião volte mas não fisicamente, mas sim espiritualmente, aos corações dos portugueses que creem numa forma do futuro melhor.

Com o regresso de D. Sebastião também chega o início do Quinto Império, cujo imperador é ele. Este Quinto Império, como já aludimos, significa para Pessoa não um império terrestre, material, da conquista, mas sim o Império do Espírito e da Cultura:

*“Não queiramos que fique fora de nós um único Deus! Absorvamos os deuses todos! Conquistámos já o Mar: resta que conquistemos o céu, ficando a Terra para os Outros, para os eternamente Outros, os Outros de nascença, os europeus que não são europeus porque não são portugueses.”*¹²²

Para Pessoa o Quinto Império é então um Império Universal, o Império Português. É visível o seu patriotismo e nacionalismo, com que ele quer exaltar e entusiasmar a nação. E ele continua:

*“Portugal não tem condições, nem para ser uma grande potência guerreira, nem para ser uma grande potência económica, mas tem-nas, sim, para ser uma grande potência construtiva ou criadora, um Império espiritual, um Império da Cultura... Só pode ultimamente realizar o Império Espiritual a nação que for pequena.”*¹²³

Ele então reconhece que Portugal não é bem desenvolvido para liderar a Europa no sentido material e físico, mas sim no sentido da liderança espiritual. Portugal com o seu mito de Eoncoberto vai liderar a Europa toda e mostrar-lhe o caminho para o futuro. Apesar de ser um país pequeno, e talvez devido a isso, Portugal, com a sua história gloriosa e grande, é capaz de ficar à frente de todas as nações europeias.

*“No Quinto Império haverá a reunião das duas forças separadas há muito, mas de há muito aproximando-se: o lado esquerdo da sabedoria – ou seja, a ciência, o raciocínio, a especulação intelectual; e o seu lado direito, ou seja, o conhecimento oculto, a intuição, a especulação mística e kabalística.”*¹²⁴

¹²¹ Citado de *Sobre Portugal*, p. 202 em António Quadros, op. cit., p. 292.

¹²² Idem, p. 242

¹²³ Idem, p. 302-303

¹²⁴ Idem, p. 305.

E este Império Espiritual que os portugueses vão realizar é um império onde se une a a sabedoria (ciência, intelecto) com o conhecimento culto (intuição). É então um Império do equilíbrio de sabedoria, harmonia e paz.

Conclusão

Neste trabalho ocupamo-nos com o mito de sebastianismo em Portugal. Primeiro abordámos a figura histórica de D. Sebastião, desde o seu nascimento até à sua morte, e depois nos dedicámos à evolução do sebastianismo, desde o século 16 até ao início do século 20.

Conforme vimos neste trabalho, D. Sebastião foi uma personagem da qual eram esperados grandes feitos e façanhas. Até para ele nascer foram rezadas orações porque o então rei português, D. João III não tinha sucessores. Estas esperanças ganharam uma feição concreta com a publicação das *Trovas* do Gonçalo Anes de Bandarra, que inspirou e animou o povo e se tornou assim numa espécie do Nostradamus português. Quando o novo rei nasceu, grande esperanças eram postas nele. Cresceu no contacto imediato com estas esperanças que lhe eram lembradas e impostas desde sempre. Quando adicionamos as influências do seu aio bélico e mestres jesuítas que o educaram, não há de admirar que ele se tornasse num fanático religioso e bélico, como o denotam alguns historiadores. Como D. Sebastião foi inspirado e impulsionado por todos a fazer grandes feitos, ou seja, expulsar os muçulmanos e mouros da África e fundar lá o império cristão, a conclusão lógica é que ele também começou a desejar fazê-lo. Assim, ele decidiu (porém é claro que a decisão não foi só a sua, como vimos) atacar os mouros em Marrocos e “limpar” este país deles para impor lá a ordem cristã. No entanto, a campanha acabou com um desastre para Portugal, porque o exército português foi derrotado, o rei português morto e sem sucessores, a metade da nobreza e dos soldados foi também morta e a outra ficou em cativo. Neste ponto é preciso acentuar que no lugar de D. Sebastião pode ter aparecido um outro indivíduo qualquer e provavelmente teria tido o mesmo destino. Pode-se assim afirmar que o mito do Desejado foi criado antes do seu nascimento e que D. Sebastião foi instaurado numa figura representante deste mito.

Com isso relaciona-se claramente o facto de que este mito não foi sempre ligado com D. Sebastião. Depois da batalha de Alcácer-Quibir, o povo português não conseguiu conformar-se com a perda de tal tamanho. Não conseguiu deixar a esperança dum futuro melhor que foi ligado à personagem de D. Sebastião que infelizmente não a cumpriu por causa da sua morte inesperada. Por conseguinte, imediatamente depois da batalha criou-se o mito da volta do rei D. Sebastião, causado pelo seu fim desconhecido.

Ninguém queria acreditar que o rei fosse morto sem cumprir os sonhos da prosperidade e bem-estar. Por isso o povo imediatamente recusou a morte do rei e acreditou na sua volta num dia de nevoeiro. As novas esperanças ligaram-se ao seguinte redentor possível, D. João IV.

A Bíblia de todos os sebastianistas neste tempo eram ainda as *Trovas* de Bandarra, apesar de ser interpretadas duma maneira diferente, agora modificadas para estar de acordo com o mito restaurador. Um interpretador muito importante foi Padre António Vieira, que dedicou a grande parte da sua vida à apologia e propagação de D. João IV como o Encoberto e, depois da morte deste, ocupou-se pelo resto da sua vida com a interpretação das *Trovas* e outras profecias mundiais junto com os textos bíblicos para encontrar algum sinal da chegada do Quinto Império, que foi para ele um Império Espiritual Cristão da harmonia. Porém conforme vimos, as suas interpretações, que ele sempre mudava e modificava, adaptando-as para a nova situação, pareciam perto do fim da sua vida cada vez mais fanáticas.

Nas eras seguintes vemos uma certa oscilação entre os períodos da prosperidade e auge da “seita” sebastianista e o seu declínio. Estes períodos eram influenciados pela situação histórica. Esta crença ganhou maiores proporções nos momentos de crise na história de Portugal. Sempre quando Portugal ficou em perigo ou em decadência, o povo lançou-se para a esfera espiritual, ou seja, ao mito do Encoberto que voltará e salvará-o e fundará o Quinto Império, um Império onde todos estarão contentes e sem problemas.

Um outro olhar a esta problemática dá-nos Almeida Garrett no seu drama *Frei Luís de Sousa*, em que ele critica a crença na volta de D. Sebastião. Ele diz que esta crença impossibilita viver a vida presente porque as pessoas pensam no passado e no futuro. Pensam no que foi e no que será. Mas não vivem o momento actual.

Depois de Almeida Garrett, outro autor que se ocupou com o mito sebastianista foi Fernando Pessoa, em cuja obra vemos a última fase da evolução do mito do Encoberto, ou seja, o mito do Quinto Império. Com Pessoa acaba o processo completo da transição do mito num símbolo perfeito e puro, como diz o Pessoa mesmo. Ele na verdade reconheceu a essência verdadeira do Mito do Encoberto, Mito do Desejado e Mito do Quinto Império. É, ou deve ser, uma esperança dada ao povo, para o animar e despertar da melancolia. O mito deve motivar. É isso que nos quer dizer Fernando Pessoa na sua obra *Mensagem*. Mesmo nas suas teorias sobre o Quinto Império é visível a sua posição e a tentativa de fornecer a autoestima nacional portuguesa. Ele apoia o

espírito português afirmando que apesar de não ter condições do mundo físico para liderar o mundo, tem-nas sim no mundo ou campo espiritual.

Resumo em checo

Don Šebestián je jednou z nejkontroverznějších postav portugalských dějin. Již jeho narození bylo vymodlené, jelikož jeho předchůdce neměl jiné následníky. Tudíž byly od Dona Šebestiána očekávány velké činy již od jeho narození. Šebestiánský mýtus vznikl již před jeho narozením, když byly zveřejněny takzvané *Trovas* od Bandarry, které mluvily o příchodu národního spasitele, jenž založí křesťanské impérium, takzvané Páté impérium. Šebestián byl přirozeně těmito legendami ovlivněn a toužil je naplnit. Proto se roku 1578 neuváženě vydal do bitvy u Alcácer-Quibiru, kde však utrpěl drtivou porážku, což pro Portugalsko znamenalo národní katastrofu. Ztratilo krále, jenž nezanechal žádného nástupníka trůnu, a v bitvě přišlo také o většinu šlechty a vojáků, kteří skončili buď mrtvi nebo v maurském zajetí. Portugalské koruny se poté chopil španělský král Filip II, Filip I. Portugalský. Již bezprostředně po porážce v bitvě vznikl mýtus, že portugalský král Šebestián nezemřel, nýbrž je živ a jednoho dne se vrátí a spasí Portugalsko. Bylo to zapříčiněno nejistotou ohledně jeho smrti. Tak vznikl mýtus, který se vyskytuje v různých obdobích až do dneška. Jedním z jeho nejvýznamnějších propagátorů byl Otec António Vieira, který zastával verzi ztělesnění mýtu v králi Janu IV, který usedl na trůn po Restauraci a obnovení portugalské samostatnosti. Víra v tento mýtus se vracela vždy když Portugalce ohrožovala větší hrozba, o čemž svědčí nárůst věřících například kvůli zemětřesení v době vlády Markýze Pombala či při vpádu Napoleonových vojsk. S odstupem času lze sledovat i negativní pojetí mýtu, jak můžeme pozorovat na příkladu díla *Mnich Luís de Sousa* od Almeidy Garretta. Autor v něm kritizuje tuto víru, jež podle něj znemožňovala lidem žít v současnosti. Posledním velkým autorem ovlivněným šebastianismem je Fernando Pessoa a jeho dílo *Poselství*, jež se navrácí k tomuto mýtu cíleně, aby pozvedlo portugalské sebevědomí v době úpadku.

Summary

Don Sebastian is one of the most controversial figures in the history of Portugal. His birth was wished because his predecessor didn't have any successor. Therefore great acts were expected of Don Sebastian since his birth. The myth of sebastianism has its origins already at the time before his birth, when there were published so called *Trovas de Bandarra* which spoke about an arrival of the savior who would set up a catholic empire, so called the Fifth Empire. Don Sebastian was naturally influenced by these legends and wanted to fulfill expectations. That was the reason of the battle of Alcácer-Quibir, where he was defeated, which meant a national catastrophe for Portugal. It lost its king, who died without a successor and the battle also brought a loss of a major part of its nobility and soldiers that ended dead or in captivity. The Portuguese crown was given to Spanish king Filipe II who was crowned as Filipe I the Portuguese. Immediately after the battle the myth began that Don Sebastian was not dead but alive and waited to come back one day and save Portugal. It was caused by the uncertainty regarding his death. Thus the myth was created which appears in different modifications till today. One of the biggest propagators of it was Father António Vieira, who defended the version of the incarnation of the savior in person of the King John IV, who gained the crown after the Restoration and instauration of the independence of Portugal. Belief in the myth of sebastianism returned always in times of a danger for Portugal, for example because of the earthquake at the time of the governance of Marquis of Pombal or at the time of invasion of the Napoleon's army. After some time the myth of sebastianism appeared in negative connotations, which fact can be observed on the example of the work *Friar Luís de Sousa* from Almeida Garrett. The author criticizes this faith, which caused the impossibility of living the present life. The last significant author influenced by this myth was Fernando Pessoa and his work *Message*, which returned to this myth on purpose, because it tried to wake the Portuguese people up from the lethargy.

Anotação

Jméno a příjmení autora: Barbora Trčková

Název fakulty a katedry: Filozofická fakulta, Katedra romanistiky

Název bakalářské práce: Origem e Evolução do Mito Sebastianista

Vedoucí bakalářské diplomové práce: PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Počet znaků: 98186 (81745 bez mezer)

Počet příloh: 0

Počet titulů literatury a internetových zdrojů: 25

Klíčová slova: Šebastianismus, Don Šebestián, Bitva u Alcácer-Quibiru, Páté impérium, Zahalený, Vytoužený, António Vieira, Almeida Garrett, Mnich Luís de Sousa, Fernando Pessoa, Poselství

Abstrakt: Bakalářská práce pojednává o vzniku a vývoji šebestiánského mýtu v Portugalsku. Zabývá se osobou Dona Šebestiána, jeho životem a činy, jež vedly k bitvě u Alcácer-Quibiru. Následuje literární část, v níž je popsán vývoj Šebastianismu na dílech autorů zabývajících se touto tematikou, jako například Gonçalo Anes de Bandarra, Otec António Vieira a Almeida Garrett. Posledním autorem, kterým se tato práce zabývá, je autor knihy Poselství, Fernando Pessoa.

Bibliografia

Azevedo, João Lúcio de. *Evolução do sebastianismo*. Lisboa: Editora de A. M. Teixeira, 1918.

Barreiros, António José. *História da literatura portuguesa. Volume II, Séculos XIX-XX*. Braga : Editora Bezerra, 1997.

Fonseca, António Belard da. *Dom Sebastião: Antes e depois de Alcácer-Quibir*. Lisboa: [s.n.], 1978.

Garret, Almeida. *Frei Luís de Sousa*. S. I.: Ulisseia, 1992.

Havlíková, Marie. *Almeida Garrett a jeho hra o nepřítomnosti portugalské přítomnosti*. posfácio para o livro *Mnich Luís de Sousa*. Praha: TORST, 2011.

Klíma, Jan. *Dějiny Portugalska*, Praha: Nakladatelství Lidové Noviny, 2007.

Lopes, G. Figueiredo. *História Elementar de Portugal*, Porto: Porto Editora, 1993.

Lopes, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996.

Nabais, Palmira. Introdução para o livro *Frei Luís de Sousa*. S. I.: Ulisseia, 1992.

Pessoa, Fernando. *Mensagem*, Lisboa: Livros de Bolso Europa-América, [1980-?].

Pires, M. Lucília Gonçalves. *História crítica da Literatura Portuguesa, Volume III*. Lisboa: Ed. Verbo, 2001.

Quadros, António. *Fernando Pessoa: Vida, Personalidade e Génio*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

Saraiva, José Hermano. *Breve história de Portugal*, Génève: Bertrand Editora, 1989.

Valensi, Lucette. *Fábulas da memória: A gloriosa batalha dos três reis*. Porto: Edições ASA, 1996.

Alves, José Maria. *Bandarra – Sapateiro, Poeta e Profeta da Vila de Trancoso: Trovas Proféticas*. Disponível em World Wide Web: (http://www.homeoesp.org/livros_online/BANDARRA%20-%20TROVAS%20PROF%C3%89TICAS%20DO%20SAPATEIRO%20DE%20TRANCOOSO.pdf), consultado em 1. 3. 2012.

Besselaar, José van den. „As Trovas do Bandarra.“ *Revista ICALP*, Março de 1986, v. 4, p. 21 - 22. Disponível em World Wide Web: (<http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/bandarra.pdf>), consultado em 27. 2. 2012.

Gebra, Fernando de Moraes. *Entre Mito e História: O Sebastianismo em Mensagem de Fernando Pessoa*, p. 7, 8. Disponível em World Wide Web: (<http://www.google.cz/url?sa=t&rct=j&q=mensagem%20e%20sebastianismo&source=web&cd=11&ved=0CCMQFjAAOAo&url=http%3A%2F%2Ffojs.c3sl.ufpr.br%2Ffojs2%2Findex.php%2Fletras%2Farticle%2Fdownload%2F6140%2F4382&ei=4ASYT63uLIqYOvWe0c4G&usq=AFQjCNGgIwYdUQcRXrlvVAElev-56IMsQ&cad=rja>), consultado em 25. 4. 2012.

Hipólito, Nuno. *As Mensagens da Mensagem: A mensagem de Fernando Pessoa, anotada e comentada*. Disponível em World Wide Web: (<http://www.umfernandopessoa.com/livros/as-mensagens-da-mensagem-2010.pdf>), consultado em 14. 4. 2012.

Manduco, Alessandro. “História e Quinto Império em Antonio Vieira.” *Revista TOPOI*, n. 11, v. 6, jul.-dez. 2005, p. 253. Disponível em World Wide Web: (http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi%2011/topoi11a2.pdf), consultado em 2. 4. 2012.

Pereira, João Baptista. *O padre António Vieira: Orador e Profeta do V Império*, p. 231. Disponível em World Wide Web: (http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2005-Joao_Pereira.pdf), consultado em 30. 3. 2012.

O Quinto Império. Disponível em World Wide Web: ([http://www.infopedia.pt/\\$quinto-imperio](http://www.infopedia.pt/$quinto-imperio)), consultado em 15. 3. 2012.

Diogo Bernardes. Disponível em World Wide Web: ([http://www.infopedia.pt/\\$diogo-bernardes](http://www.infopedia.pt/$diogo-bernardes)), consultado em 13. 5. 2012.

World Wide Web: (http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rei_D._Sebasti%C3%A3o.jpg), consultado em 28. 4. 2012.

World Wide Web: (<http://www.areamilitar.net/HistBCR.aspx?N=71%20>), consultado em 28. 04. 2012

World Wide Web: (http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lagos46_kopie.jpg), consultado em 28. 4. 2012.

Lista das imagens

Imagem 1: D. Sebastião.....7

Imagem 2: Batalha de Alcácer-Quibir.....14

Lista das mapas

Mapa 1: Viagem dos portugueses para Alcácer-Quibir.....13